



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS SERTÃO
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

FABRIELE GOMES DA GRAÇA

**“A CURA DE DOENÇAS FÍSICAS E DA ALMA”: O USO DE PLANTAS
MEDICINAIS DA CAATINGA E A PRÁTICA DO BENZIMENTO NO MUNICÍPIO DE
OLHO D`ÁGUA DO CASADO-AL**

DELMIRO GOUVEIA – AL

2023

FABRIELE GOMES DA GRAÇA

**“A CURA DE DOENÇAS FÍSICAS E DA ALMA”: O USO DE PLANTAS
MEDICINAIS DA CAATINGA E A PRÁTICA DO BENZIMENTO NO MUNICÍPIO DE
OLHO D'ÁGUA DO CASADO-AL**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Alagoas – UFAL/ Campus Sertão como requisito parcial para conclusão do curso de graduação em Geografia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Francisca Maria Teixeira Vasconcelos

DELMIRO GOUVEIA – AL

2023

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

G729c Graça, Fabriele Gomes da

“A cura de doenças físicas e da alma”: O uso de plantas medicinais da caatinga e a prática do benzimento no município de Olho D’Água do Casado - AL / Fabriele Gomes da Graça. - 2023.
84 f. : il.

Orientação: Francisca Maria Teixeira Vasconcelos.
Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Geografia. Delmiro Gouveia, 2023.

1. Geografia. 2. Plantas medicinais. 3. Caatinga. 4. Saberes medicinais. 5. Ritual de cura. 6. Benzeção. 7. Colonialismo.
I. Vasconcelos, Francisca Maria Teixeira. II. Título.

CDU: 911.3:633.88



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO: GEOGRAFIA – LICENCIATURA

FOLHA DE APROVAÇÃO

AUTOR: FABRIELE GOMES DA GRAÇA

“A CURA DE DOENÇAS FÍSICAS E DA ALMA: O USO DE PLANTAS MEDICINAIS DA CAATINGA PARA A PRÁTICA DO BENZIMENTO NO MUNICÍPIO DE OLHO D’ÁGUA DO CASADO” - Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Geografia – Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas – UFAL – Campus do Sertão.

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao corpo docente do Curso de Geografia – Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas e aprovado em 30 de maio de 2023.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Francisca Maria Teixeira Vasconcelos
(Orientadora)

Documento assinado digitalmente
 SUANA MEDEIROS SILVA
Data: 13/06/2023 14:49:09-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Suana Medeiros Silva
(1ª Examinadora)

Documento assinado digitalmente
 SERGIANA VIEIRA DOS SANTOS
Data: 02/06/2023 16:00:26-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Me. Sergiana Vieira dos Santos
(2ª Examinador)

Dedico esse trabalho a Deus, meu melhor amigo e confidente, e a minha família que sempre me incentivou e apoiou em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por me manter de pé nos momentos difíceis, sendo o sobro de esperança que necessitava.

A minha mãe, Maria Estelita Gomes da Graça, que sempre foi minha força e porto seguro, me impulsionando a continuar acreditando em mim mesma e em meus sonhos, independente dos obstáculos.

Ao meu pai, Cícero da Graça, o homem que me ensinou a seguir em frente, a lutar pelos meus objetivos e dar valor as coisas mais simples da vida.

A minha irmã, Fabrícia, que sempre acreditou em mim, mesmo quando nem eu mesma acreditava. Se conseguir finalizar essa jornada, é graças a você, obrigada por tanto, te amo.

A minha irmã, Francielle, e ao meu sobrinho, Gael Lucas, que mesmo distantes, me fizeram confiar no meu potencial, acreditando e me apoiando sempre, amo demais vocês.

A minha querida orientadora, Prof.^a Dra. Francisca Maria Teixeira Vasconcelos, por ter aceitado segurar a minha mão e, juntas construímos esse trabalho. Obrigada pela orientação impecável, e por todos os conhecimentos passados.

Ao meu avô, Aberlado Vieira Gonçalves (in memoriam), que com seu sorriso me lembrava o como a vida é bela, e que não se precisa de muito para ser feliz. Sua imagem vestida com roupas de couro, andando em seu burro pela caatinga, estará sempre viva em minha memória, te amarei para sempre.

Ao meu avô, José Gomes Vieira (in memoriam), que sempre foi meu exemplo de ser humano. Com sua doçura, gentileza e uma luz que preenchia qualquer ambiente com seu sorriso sincero, me fez ser a criança/mulher mais sortuda do mundo, por tê-lo em minha vida. Com suas músicas de cordel, me mostrou como é bela e forte a cultura nordestina. Sempre terei um pedaço de ti, te amo eternamente.

A minha avó, Marina Gomes Vieira (in memoriam), que infelizmente nos deixou enquanto eu estava em processo de construção desse trabalho, a tristeza pela sua perda, me fizeram não ter forças para continuar, mas, o que sempre me chamou atenção nela, era sua fé inabalável. Com a fé que ainda encontrava em meu ser, continuei e, espero que ela esteja orgulhosa de mim.

Aos meus amigos e companheiros de jornada, Maria Jailma, Eduarda, Bruna, Raul e João Pedro, obrigada por tornarem esse processo tão leve e gratificante. Construímos momentos que ficarão para sempre em nossas memórias e, uma amizade que levaremos para vida toda, amo todos vocês.

Aos meus companheiros de ônibus, Antônio Gutierre, Felipe e Franciane, obrigada pelas conversas, risadas e por fazerem até os momentos ruins se tornarem felizes.

Agradeço a Universidade Federal de Alagoas - Campus do Sertão, e a todos que fazem parte desta instituição, em especial, aos professores do curso de Geografia.

Coloquei todo o amor, dedicação e fé nesse trabalho de conclusão de curso e, espero que a alma de todos os leitores, seja tocada.

“Esse galho é abençoado, quando a fé é verdadeira, pra quem tá adoentado, essa reza é de primeira, cura febre e mal olhado, e quem nunca foi curado, pela mão da benzedeira”.

(Guibson Medeiros).

RESUMO

A benzeção é uma arte de cura carregada de magia, fé e preconceito. Em vista disso, essa pesquisa teve como objetivo abordar os rituais de cura de benzedoras e benzedores do município de Olho D'Água do Casado, Sertão de Alagoas, buscando compreender os motivos que construíram uma intolerância religiosa perante essa prática de cura. Esse estudo visou também integrar outros saberes medicinais tradicionais, que fazem parte da vida dos sertanejos, como os conhecimentos sobre a utilização de plantas medicinais da caatinga, tanto pelas benzedoras e benzedores casadenses, como pela própria população. Vivenciando a benzeção por meio da etnografia dos rituais de cura, mediante a observação participante e entrevistas gravadas em áudio, buscou-se alcançar respostas para as discussões trazidas e um entendimento da realidade desse ofício, que foi costurado à pedras da história do sertão. Através do aprofundamento bibliográfico sobre a formação territorial do sertão nordestino, pode-se entender como o peso do mundo social europeu, designou discriminações ainda vistas na sociedade atual. Enquanto os indivíduos inseridos nesse mundo social com características marcantes da religiosidade popular e de saberes medicinais, estiverem presos aos pensamentos construídos nesse mundo social idealizado no Brasil colônia, suas visões de mundo ficaram presas a um passado marcado por luta e sangue, dificultando a criação de pensamentos e reflexões livres de análises com traços do colonialismo. Assim, concluímos que saberes medicinais tradicionais populares ainda se materializam em cidades do sertão, porém, a benzeção é uma prática de cura ainda discriminada, ocasionando o bloqueio da transmissão dos conhecimentos oriundos desse ofício.

Palavras-chave: Benzeção, Rituais, Plantas medicinais, Colonialismo.

ABSTRACT

Blessing is a healing art full of magic, faith and prejudice. In view of this, this research aimed to address the healing rituals of healers in the municipality of Olho D'Água do Casado, Hinterland de Alagoas, seeking to understand the reasons that built a religious intolerance towards this healing practice. This study also aimed to integrate other traditional medicinal knowledge, which is part of the life of the country people, such as knowledge about the use of medicinal plants from the caatinga, both by faith healers from Olho D'Água do Casado, and by the population itself. Experiencing the blessing through the ethnography of healing rituals, through participant observation and audio-recorded interviews, we sought to reach answers to the discussions brought up and an understanding of the reality of this office, which was sewn to pieces of the history of the hinterland. Through the deepening of the bibliography on the territorial formation of the northeastern hinterland, one can understand how the weight of the European social world designated discrimination still seen in today's society. While individuals inserted in this social world with marked characteristics of popular religiosity and medicinal knowledge, are trapped in thoughts built in this idealized social world in colonial Brazil, their worldviews were trapped in a past marked by struggle and blood, making it difficult to the creation of thoughts and reflections free of analyzes with traces of colonialism. Thus, we conclude that popular traditional medicinal knowledge is still materialized in cities in the hinterland, however, the blessing is a healing practice that is still discriminated against, causing the blockage of the transmission of knowledge arising from this craft.

Key words: Blessing, Rituals, Medicinal plants, colonialism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de localização do Município de Olho D`Água do Casado	17
Figura 2: Índio Kariri-Xocó avistando o Rio São Francisco.....	28
Figura 3: Altar dos Santos.....	40
Figura 4: Foto e Estátua de Madrinha Dodô	41
Figura 5: Mapa de localização do Bioma Caatinga	42
Figura 6: Mapa de localização do Sertão Nordestino	47
Figura 7: Castanha de Caju e Vassoura de Palha de Ouricuri.....	52
Figura 8: Geleia de Umbu da Coopeapis	53
Figura 9: Ramo de Pinhão-roxo.....	64

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Fauna do Bioma Caatinga.....	43
Tabela 2: Plantas com usos medicinais, citadas pelos entrevistados.....	56
Tabela 3: Doenças que Benzedor cura.....	63

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
1.1 Olho D'Água do Casado, sertão alagoano.....	16
2. “OS ÍNDIOS DO SERTÃO E OS CURRAIS DE BOI”: A FORMAÇÃO TERRITORIAL DO SERTÃO	19
2.1 Povos Indígenas: Berço de Vida, Esperança e fé.....	26
2.2 O Vaqueiro e sua armadura de couro, fé e coragem	30
2.3 O negro nas savanas sertanejas	33
2.4 Os Profetas da Caatinga	36
3. RIQUEZAS DA CAATINGA: A VALORIZAÇÃO DO SABER-FAZER DO SERTANEJO.....	42
3.1 Produtos florestais não madeireiros da caatinga	49
3.2 O uso de plantas medicinais da Caatinga no semiárido nordestino.....	54
4. BENZIMENTO: A MATERIALIZAÇÃO DA CURA ATRAVÉS DA FÉ NAS REZAS E NAS PLANTAS DO BIOMA CAATINGA	59
4.1 Etnografando os rituais de cura de benzedeadas e benzedores do município de Olho D'Água do Casado-AL	61
4.1.1 A reza e o ramo	62
4.2 Presença, representação e resistência de benzedeadas e benzedores casadenses.....	65
4.3 “A caça às bruxas”: Análises decoloniais diante da intolerância religiosa sofrida por benzedeadas e benzedores do sertão alagoano.	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS.....	74
APÊNDICES	81

1- INTRODUÇÃO

Os conhecimentos populares de práticas de cura passados entre as gerações, proporciona a conservação de saberes adquiridos pelo senso comum, que ajudaram a humanidade a curar diversas doenças. Mesmo com a introdução da medicina moderna, formas de cura como o benzimento e a utilização de plantas medicinais da caatinga, ainda possuem seu lugar em muitas cidades do Sertão de Alagoas.

O bioma Caatinga embora pouco estudado, guarda consigo segredos culturais de grande valor medicinal, que foram descobertos e introduzidos no tratamento de inúmeras doenças pelas benzedeadas e benzedores, que por muito tempo, foram os médicos de um número expressivo de indivíduos.

Posto isto, a justificativa para a realização deste trabalho, se fomenta do possível desaparecimento de saberes medicinais tradicionais, como a prática do benzimento e a utilização de plantas medicinais da caatinga, pois, sem transmissão, não ocorrerá conservação, já que esses saberes são passados de geração para geração, através da oralidade. Assim, procura-se apresentar resultados sobre os riscos da perda dos conhecimentos medicinais populares, mediante ao preconceito, falta de interesse e vocação de jovens pertencentes a um núcleo social com traços ainda tão vivos de uma religiosidade mística e medicina popular.

Diante disso, este trabalho visa compreender o curioso e discriminado mundo das benzedeadas e benzedores de Olho D'Água do Casado, sertão de Alagoas; etnografando seus rituais de cura, a importância que essa prática apresenta na vida dos casadenses e, as lutas travadas por essas mulheres e homens que buscam manter viva essa arte de cura, mesmo diante do preconceito ainda sofrido. Outro aspecto estudado, foi o uso de plantas medicinais da caatinga por benzedeadas e benzedores, e pela própria população casadense. Em vista disso, o estudo perante as formas de uso, preparação e para quais doenças determinadas plantas medicinais são utilizadas, foi de suma importância para poder registrar saberes populares específicos dessa região e mantê-los preservados, para que assim, os conhecimentos se mantenham gravados não apenas nos corações dos que acreditam nessa prática de cura, mas transmiti-los por meio da ciência.

Esse estudo é de caráter etnográfico, utilizando como método a observação participante e abordagem qualitativa. Por intermédio da realização de entrevistas, foi aplicado um questionário aberto com 9 (nove) questões para 2 (duas) benzedeadas e 1 (um) benzedor, buscando compreender a relação que esses indivíduos possuem com essa arte de cura, ainda bastante discriminada. Também houve a aplicação de um questionário com 6 (seis) questões fechadas e abertas para 15 (quinze) jovens com uma faixa etária de 16 à 25 anos e 20 (vinte) homens e mulheres entre 35 à 87 anos, que fazem parte da população do município de Olho D'Água do Casado-AL, com a finalidade de entender o significado e a importância que as benzedeadas/benedores representam para essa população. Além disso, foi desenvolvido e aplicado em campo, um questionário com 7 (sete) questões abertas e fechadas para 30 (trinta) homens e mulheres entre 40 à 87 anos, com o propósito de conhecer as plantas da caatinga utilizadas (nome científico e popular), modo de preparo e quais doenças podem ser controladas e combatidas por meio da sua utilização.

Para o enriquecimento da pesquisa, diversos autores foram trazidos para a discussão do tema colocado em pauta, destaque Lindoso (2011), com sua obra "O Grande Sertão: Os currais de boi e os índios de corso", a obra trata da formação territorial do sertão e dos povos envolvidos na ocupação desse espaço, reflete sobre o choque entre culturas distintas, a exemplo do embate entre o projeto colonizador da pecuária e os índios de corso. Desse encontro, surgiram novos sujeitos com sua cultura e religião no sertão, como o vaqueiro. O autor se debruça ainda sobre a presença do negro e sua importância para a formação territorial do Sertão; Costa (2011), mostra a importância da produção diversificada e sustentável, com base na agroecologia; Oliveira (2015), dá ênfase na comercialização de produtos a base de frutas nativas e sua viabilidade para gerar renda para a população sertaneja; Magalhães et al (2020), explica sobre o risco do desaparecimento de conhecimentos da memória cultural brasileira, como os saberes tradicionais sobre as propriedades medicinais das plantas, mostrando assim, a necessidade das indústrias farmacêuticas e pesquisadores de preservar esses saberes; Hoffmann-Horochovski (2015), esclarece que a arte da benzeção, não é uma escolha, mas uma obrigação. Mesmo com inúmeras dificuldades, esse dom divino, merece ser transmitido e praticado.

Com o intuito de melhor desenvolver esse estudo, o mesmo se organiza da seguinte forma:

No primeiro capítulo, visou expor todo o percurso apresentado na construção dessa pesquisa, mostrando informações essenciais para compreender o motivo da criação desse estudo, como aproximar os leitores da área de estudo trabalhada, o município de Olho D`Água do Casado- AL.

No segundo capítulo, buscou-se abordar a formação territorial do sertão nordestino, questionando as definições históricas a respeito do sertão no Brasil. Outras pautas que foram trabalhadas, incluem os povos gerados por meio do encontro dos índios do sertão e os currais de boi, e como tais praticavam sua fé e se relacionam com o bioma caatinga.

No terceiro capítulo, procurou-se apresentar o grande potencial que o bioma caatinga pode proporcionar, tanto de forma biológica, como cultural. O propósito desse capítulo, é abordar as possibilidades do uso da caatinga para a economia e saúde de sua população. Por meio da desconstrução do conceito idealizado e transmitido pelos colonizadores, a caatinga pode promover conhecimento, saúde e renda de forma sustentável.

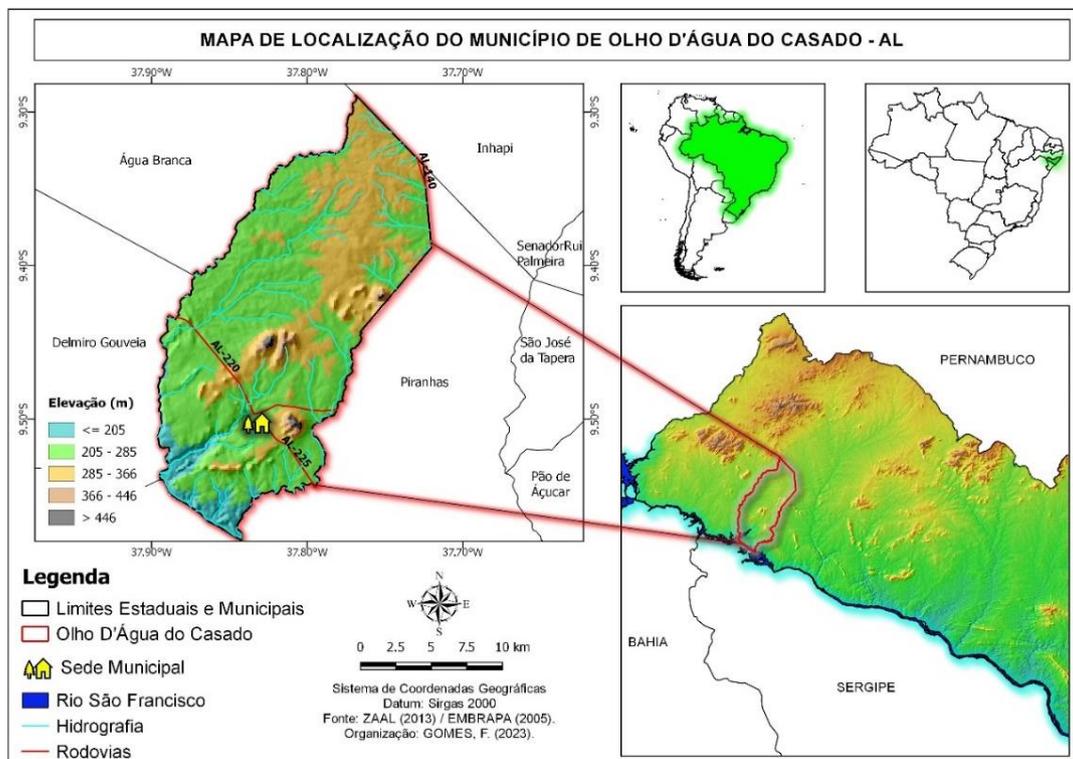
No capítulo quatro, foi abordado a importância e resistência de benzedeiros/benedores para continuar praticando a benzeção. Através da etnografia dos rituais, propõe mostrar suas rezas, ramos, doenças que benzedor cura e o preconceito sofrido por mulheres e homens que curam apenas com rezas e plantas.

1.1 Olho D`Água do Casado, sertão alagoano

O município de Olho D`Água do Casado, localizado no Estado de Alagoas, região Nordeste do Alto Sertão Alagoano, engloba uma área de 327,6 km², onde 35% de sua área está inserida na depressão sertaneja e 65% está geologicamente incorporado ao Planalto da Borborema e agregada a bacia hidrográfica do Rio São Francisco. Segundo o censo do IBGE 2021, sua população estimada é de 9.507 habitantes e seu gentílico é casadense. A sede do município está localizada entre 9° 30' 03" de latitude Sul e 37° 49' 56" de longitude Oeste de Greenwich (Figura 1). Apresenta solos como Planossolos, Neossolos Regolíticos, Neossolos Quartzarênicos, Neossolos Litólicos e

Gleissolos (PARAHYBA; LEITE, 2007, p.2). A vegetação é Caatinga hiperxerófila e clima tropical semiárido.

Figura 1 - Mapa de localização do Município de Olho D'Água do Casado



Fonte: GOMES, 2023.

Olhos D'Água do Casado como inicialmente foi chamada, iniciou sua ocupação devido a existência de um poço primitivo que nunca secava, chamado Fonte da Matinha. Assim, o nome Olhos D'Água, se originou em referência ao poço de grande abundância de água, e Casado, em menção ao sobrenome do seu fundador, José de Melo Casado, natural da cidade de Água Branca – AL, que começou a utilizar a água do poço para saciar a sede de seu rebanho. Pertenceu a cidade de Piranhas – AL, até dia 21 de setembro de 1962, ano de sua Emancipação Política e Territorial pela Lei de nº 2.495.

A economia gira em torno da agricultura, a partir do plantio de milho, feijão e algodão, bem como da pecuária e da produção de caju e castanha. Embora boa parte da sua renda venha do campo, com o passar dos anos, o comércio na zona urbana começou a ganhar forma, resultando em outras formas de sobrevivência, além da agricultura, pecuária e dos empregos disponibilizados pela prefeitura. Os trabalhos realizados pelas associações de

moradores casadenses, cria novas possibilidades na área social para a população local, associações como: Associação do Pequeno Produtor, Associação Flores da Serra, Associação dos pescadores, Associação dos apicultores, Associação dos Produtores de Caju de Olho D'Água do Casado, Banco da Terra, SEBRAE, Pastoral da Criança e em destaque, o Assentamento Nova esperança (MST), coordenados por oito mulheres, conseguem desenvolver várias áreas da economia local, por intermédio da apicultura, artesanato e turismo.

2 - “OS ÍNDIOS DO SERTÃO E OS CURRAIS DE BOI”: A FORMAÇÃO TERRITORIAL DO SERTÃO

O sertão é definido de acordo com o Dicionário Houaiss:

1.região agreste, afastada dos núcleos urbanos e das terras cultivadas. 2. Terreno coberto de mato, afastado do litoral. 3. A terra e a povoação do interior; o interior do país. 4. Toda região pouco povoada do interior, em especial, a zona mais seca que a caatinga, ligada ao ciclo do gado e onde permanecem tradições e costumes antigos. (...). (HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.: 2001, p. 2558 apud ANTÔNIO FILHO, 2011, p. 85)

Definir o sertão, se torna algo extremamente difícil, visto que a história dessa terra, se liga com a de inúmeros povos. Portanto, as definições preestabelecidas em dicionários, pensamentos coloniais enraizados na cultura brasileira e em retratações feitas em músicas, pinturas, cinema e na literatura, são apenas concepções distorcidas e pedaços culturais que simbolizam a cultura sertaneja.

A construção do imaginário popular perante essa região, é por diversas vezes, construída de forma generalizada, não considerando o dinamismo das relações, a evolução do espaço, dos indivíduos e conhecimentos. Não existe um sertão, mas os sertões, onde a definição de um sertão pouco povoado, com tradições e costumes arcaicos, castigado pela seca, pobre ou miserável, clamando pela chuva, não traduz o seu real significado. Conhecer os sertões, vai muito além de dominar informações superficiais sobre seu clima, vegetação e indivíduos. Para reconhecer de fato os sertões, precisa vivenciar o dia a dia das relações dos sertanejos com o bioma Caatinga e o Rio São Francisco, sua forte religiosidade e as lutas que precisam enfrentar.

Desde o Brasil colônia, esse território sempre foi imaginado segundo impressões sobre sua natureza e populações nativas, mas nunca conhecida e idealizada de forma fiel a realidade apresentada. Para os portugueses, o sertão era “um imenso vazio a ser preenchido com seus interesses, concepções e valores. Um grande deserto, um desertão como as representavam. Daí a origem do nome sertão.” (MULTIRIO). Deste modo, os pensamentos construídos de que o litoral seria um espaço civilizado e, o sertão uma região ocupada por povos bárbaros e selvagens, são reflexões construídas e

transmitidas pelos portugueses no período colonial, isso deriva do litoral ser o espaço inicial de conquista, ocupação, atividades econômicas e povoamento.

A primeira riqueza natural a se tornar uma atividade econômica na nova colônia, foi o pau-brasil, árvore encontrada na região litorânea. Mesmo exportando e lucrando com o pau-brasil, a ocupação efetiva do litoral brasileiro não ocorreu, visto que todo o processo de derrubada e preparação da madeira para embarcar nos navios enviados para Portugal, eram feitas pelos índios encontrados na região, sendo o escambo a forma de recompensa feito aos nativos. A intenção dos portugueses era incorporar a população indígena a seu propósito de colonizar a América, empregando dois princípios: a catequização e a extração de riquezas. A educação indígena, designada a missionários da Igreja católica, se desenvolveu por meio do processo de catequização, que através da criação de pequenos povoados, visava ensinar os costumes europeus aos nativos, para que assim, se criasse um povo servo e temente a Deus.

Com a retirada expressiva do pau-brasil, o mesmo começou a desaparecer da costa. Como a função das colônias era gerar lucro econômico para a metrópole, tendo como objetivo incentivar o comércio de produtos que poderiam ser exportados em grande escala e baseada na propriedade privada, a criação das sesmarias, foi a solução mais viável para se introduzir a cultura do latifúndio em território brasileiro.

Posto isso, a monocultura da cana-de-açúcar e sua rentabilidade, fez do cultivo do açúcar, um alvo de interesse, isso em razão do alto valor desse produto no mercado europeu. Com suas técnicas de plantio, solo e clima propícios, fizeram com que a produção de cana-de-açúcar começasse a ser desenvolvida, onde geraria estímulos para o povoamento da colônia e, a ocupação do litoral, por conseguinte, o litoral se fez palco das primeiras tentativas de exploração desse território, onde os seus portos facilitavam a exportação (plantation) de seus produtos.

(...) em seu extenso litoral dotado de muitos bons portos e de cidadelas naturais, firmaram-se, já na primeira metade do século XVI, as duas mais sólidas cabeças-de-ponte da colonização lusitana no continente na capitania de Pernambuco e na sede do governo geral, na Bahia de Todos os Santos, cujos solos muito propícios dos seus arredores logo estariam tomados pela rendosa lavoura da cana-de-

açúcar, base de articulação com o mercado mundial. (DANTAS et al, 1992. p.431).

O monopólio do açúcar gerou a criação de engenhos, onde a mão de obra era suprida pela escravização de grupos indígenas, que posteriormente seria substituída pelo trabalho do negro-escravo. “Os indígenas não resistiam à escravidão e tampouco às muitas doenças infecciosas que acabavam por acometê-los gravemente, levando-os à morte” (ROMÃO, 2018. p.355).

A força motriz dessa atividade econômica extrativista, eram os bois, fundamental para a alimentação dos colonos, transporte e fornecimento de couro. Por esses animais se encontrarem no mesmo espaço das zonas açucareiras, a destruição de plantações era quase impossível de não ocorrer, diante disso, a penetração do gado para o interior do Nordeste brasileiro, seria a solução capaz de encerrar esse conflito.

O gado cumpria uma função secundária nos engenhos e, sua criação, associado às lavouras, estava fadada ao conflito: as reses passaram a destruir as plantações. Sentindo-se ameaçada por este impasse, a Coroa emitiu, no ano de 1698, uma provisão ordenando, dentro de um mês, o afastamento dos bois das zonas açucareiras. O período foi curto para cumprir o mandato real. Assim, em 1701, através de uma Carta Régia, o rei impõe o afastamento de no mínimo dez léguas entre criação e lavoura. (ARRAES, 2010. p.3).

A ocupação e povoamento do sertão está totalmente entrelaçado com a pecuária, sendo essa atividade econômica o viés formador dessa sociedade. “Na Bahia, Garcia D’Ávila estabeleceu as primeiras fazendas de gado, chegando, no século XVII, a região do Rio São Francisco, devido a isto conhecido como “rio dos currais” (FERLINI, 1996 apud OLIVEIRA, 2009, p.128). A criação dos currais de boi e a civilização do couro, ocasionou uma penetração para o sertão, ainda não iniciada desde a entrada do colonizador em terras brasileiras. Antes que a expansão do território colonizado acontecesse de fato, já se encontravam habitantes nesse local, os índios, povos originários dessa terra, que praticavam o nomadismo em busca de campos de coleta e caça. Logo, o encontro de culturas e interesses econômicos distintos, gerou segundo Lindoso (2011, p.30), “o choque e a perda de tudo que até então os pertencia, seus campos de coleta e caça, território de migração étnica e o poder perante a natureza áspera e semiárida do sertão”. Para Andrade (1986):

Os vários grupos indígenas que dominavam as caatingas sertanejas não podiam ver com bons olhos a penetração do homem branco que chegava com gado, escravos e agregados e se instalava nas ribeiras mais férteis. Construía casas, levantava currais de pau-a-pique e soltava o gado no pasto, afugentando os índios para as serras ou para as caatingas dos interflúvios, onde havia falta d'água durante quase todo o ano. Vivendo na idade da pedra, retirando o sustento principalmente da caça e da pesca, o indígena julgava-se com o direito de abater os bois e cavalos dos colonos, como fazia com qualquer outra caça. (ANDRADE, 1986. p.149).

Duas culturas e interesses distintos, frente à frente, enquanto o índio do sertão era naturalmente nômade, o colonizador buscava se fixar no interior da colônia. De acordo com Lindoso (2011, p.30), “o índio tinha a cultura dos caminhos, a cultura da errância étnica, a cultura da morada provisória”, cultura essa, não praticada pelo curraleiro, que dependia da permanência para construir recursos capazes de manter sua sobrevivência. Assim, currais de boi foram fixados, construindo morada em solo sertanejo.

Quando um curraleiro parava, erguia seu curral de boi, sua casa de morada rústica, seu engenho de rapadura, sua criação de cabras leiteiras, seu fabrico de queijo, sua criação de cavalos e muares, seu cercado de jegues, sua cama de couro, e ele ficava, porque aquele era seu pedaço do sertão. E aí vinha outro curraleiro tangendo seu curral de boi, passava adiante, às vezes muito adiante, e tomava os campos de coleta e caça dos índios, e acampava e erguia sua fazenda de gado. E os índios sendo empurrados para trás, para os contrafortes da Borborema, para de onde tinham vindo. Aí o índio parou, e ficou. E atacou os currais de boi, e matou os bois para comer, e tentou retomar seus campos de coleta e caça. (LINDOSO, 2011, p.31).

Mas a reconquista desse território, não seria uma tarefa fácil, a colonização europeia queria a todo custo o domínio das savanas sertanejas e, a resistência dos diversos grupos indígenas, denominados Tapuia, se tornou um obstáculo para a ocupação e povoamento do interior nordestino pelo colonizador. Desta maneira, conflitos se iniciaram, onde ficariam conhecidos como a Guerra dos Bárbaros, ocasionando a espoliação e genocídio dos povos indígenas. “Aí o índio, quando o curraleiro lhe impôs o trabalho, passou a ser servo e escravo dos curraleiros” (LINDOSO, 2011, p.31). De um povo nômade, que buscava seus campos de coleta e caça, surgiria um povo servo, escravo e que estava sujeito a cultura da morada permanente e da violência das formas de trabalho que lhes foram impostas.

O índio só passa no sertão a ter história quando se choca culturalmente com o mundo curraleiro, com seus tangedores de gado, com seu pastoreio de conquista, com sua fábrica de queijo e rapadura, e com seus frades missionários, fundadores de colégios como lugares de conversão. Ao perder a guerra, ele se torna um ser social maleável, um servo-soldado ou servo-vaqueiro. Então, ele fica pronto para ser um servo de guerra e um servo de reza (LINDOSO, 2011, p.31).

A catequização significava para os colonos, algo que vai muito além de transmitir conhecimentos divinos, mas uma forma de conversão de pensamentos e crenças. Através da tática missionária dos colégios de frades, esperava-se que os índios do sertão fossem amestrados, obedecendo fielmente a doutrina cristã, conseqüentemente, se transformariam em catecúmenos e vaqueiros-tangedores. Com novas crenças e estilo de vida apresentados aos nativos, as noções de valor econômico, cultura da morada permanente e a obediência as normas ditas pela igreja católica, seriam reflexo da mudança chegando ao sertão.

Segundo Vieira (2010, p.33), com a imposição feita as populações indígenas no processo de colonização, diversas etnias desapareceram, outras foram em busca de novos espaços, mas as terras encontradas eram inóspitas e com condições de vida precária. “No processo de conquista, esses nativos, considerados mais primitivos e de difícil catequese, não eram apenas mortos, mutilados ou vendidos como escravos para fora dos sertões, eram empregados como escravos localmente” (PEREIRA, 2021, p.3). Existiram índios que negociaram sua permanência e convivência, aceitando todos os jogos de interesse dos colonizadores, sejam eles, econômicos, políticos e religiosos. Dessa maneira, o índio sertanejo se transforma em vaqueiro-tangedor e beato rezador, resultado gerado através da invasão, genocídio, servidão e conversão nas savanas sertanejas.

“No contexto da empresa colonial, o estado português estava representado pelos agentes mercantis e missionários. Nesse cenário, as missões cumprem papel ambíguo no trabalho com as populações indígenas” (VIEIRA, 2010, p.33). O colonizador buscava a mão-de-obra indígena, enquanto a igreja tinha como objetivo salvar almas, às levando para próximo do espírito santo. Mas o que fazia a igreja católica, relacionar as crenças e costumes indígenas, há algo demoníaco?

[...] “No contato de duas culturas, onde uma é mais primitiva e outra mais avançada tecnicamente, quase sempre a segunda procura destruir ou aniquilar na primeira tudo o que se supõe ser contrário à moral ou aos interesses dos dominadores” (JÚNIOR, 2000, p.44). A existência de dois lados, Deus e demônio, sempre foi muito viva nas pregações, cada lado representa o bem e o mal. Como o mundo do índio do sertão era tribal, fugia totalmente do que a igreja acreditava, fazendo nascer a percepção de que só deveria existir uma forma de fé e, a existência de algo distinto ao que a igreja e seus seguidores pregavam, era considerada demoníaca.

De acordo com Lindoso (2011, p.36),

Diante do índio, a Igreja estava diante do demoníaco. Diante do índio, a Igreja estava diante do seu maior desafio. Para a Igreja missionária, nenhuma conversão é definitiva. A conversão tem sempre sua dialética oculta, a sua luta de contrários, E a conversão é uma luta de contrários dentro do que se crer e do que se deixa de crer. O converso é o crente que afirma e é, a um tempo, o incrêdo que nega. A conversão é uma dialética do que se crer e do que deixou de se crer. O mundo da conversão é o mundo da constante vigilância. E o Estado Colonial é um Estado de constante suspeição. E o índio do sertão vinha de seu mundo tribal, do mundo da diferença, para o mundo da conversão, onde ele tinha de abandonar seus mitos, suas crenças, seus costumes, sua não história primitiva.

Como os índios tentaram de todas as formas resistir ao modo de vida, crenças e costumes do colonizador, buscando manter sua história e a continuidade da existência de inúmeros povos indígenas, o negro-escravo, que entrou em território brasileiro como mercadoria, escreveu uma história de resiliência, lutando por sua liberdade e práticas religiosas. A presença de escravos negros no sertão, não ocorreu da mesma forma que no litoral, realizada por meio das grandes plantations de cana-de-açúcar. Muitos discursos a respeito do real motivo da não utilização da mão-de-obra negra em território sertanejo, foi levantada. Sendo o negro-escravo um luxo para os sertanejos, ou a dificuldade de se vigiar os escravos em uma terra tão vasta, pouco povoada e sem nenhuma autoridade, como também, a visão periférica perante ao negro, tornando-se incompatível e não necessária para o crescimento das atividades econômicas do sertão. O índio nômade e catecúmeno bastava para o sertão se desenvolver.

(...) Quem precisava do negro eram as atividades econômicas altamente produtivas: as plantations açucareiras, a mineração do ouro e de diamantes, as plantações em escala de cafezais, e por último, no Rio Grande do Sul, as charqueadas. Ninguém mais, que produzisse aqui, precisou do negro. Mas foram essas atividades econômicas que criaram o Brasil. E, por isso, dizemos que o negro, pelo seu trabalho escravo, criou o Brasil. Mas o sertão arcaico não viu a grandeza do Brasil. O Grande Sertão ficou num tempo lento, lentíssimo e quase parado. Ficou olhando o próprio umbigo e o altar do Bom Jesus trazido da serra do Bugaço, nas montanhas de Portugal. Esperando cá, na solidão do sertão beato, a vinda de um rei morto e donzelo que desfizesse o que cá era errado. A civilização é o que anda devagar. (LINDOSO, 2011, p.159).

Enquanto o colonizador não integrou o negro ao sertão, as atividades econômicas desenvolvidas pelo trabalho escravo, cresciam, mas não é só a economia que assume um grande patamar, a revolta perante as condições que esse povo estava sujeito a viver, também crescia. Assim, o negro foge, em busca de encontrar a si mesmo, se tornando negro quilombola e criando um espaço “de uma agricultura em terras coletivizadas, com uma forma de família poliândrica, com crenças religiosas não cristãs, e com projeto político de um estado nacional etnográfico” (LINDOSO, 2011, p.163). O negro fugitivo, cria um espaço com uma organização social que representava seu povo, destoante totalmente das organizações sociais dos espaços desenvolvidos pelos colonizadores.

Com essas diferenças culturais, e não erros, o mundo quilombola difere profundamente do mundo da *plantation*, e do mundo dos currais de boi. O que fazem esses dois mundos pensar que o mundo quilombola dos mocambos negros é um fato interveniente e separatista da unidade colonial. É um fato de natureza societariamente política, fracionário, que busca fazer história sozinho, mas história autônoma, em vez de história colonial (LINDOSO, 2011, p.163).

Os sertões traz consigo, histórias de povos que fizeram da terra sertaneja seu lugar. Por isso, falar sobre os sertões é complexo e cativante, existindo histórias que se cruzaram, se modificando e lutando pela sua individualidade. Sertões é luta, resistência e fé. Lutar por si e pelos seus. Resistir ao que não te faz bem. Ter fé, não seguindo normas, mas acreditando em todas as formas que a fé pode ser vista e sentida.

2.1 Povos Indígenas: Berço de Vida, Esperança e Fé.

De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), “a população indígena no Brasil compreende aproximadamente um total de 896 mil indígenas, correspondente a 0,4% de toda população, distribuída em 305 etnias e falantes de 274 línguas” (SILVA, 2021, p.15). Mesmo tendo se perdido inúmeras povos indígenas no período colonial, através do genocídio, sua rica diversidade cultural continua presente. Os povos indígenas representam uma imensa gama de grupos étnicos, tendo pensamentos e formas de agir únicos. A espiritualidade desses povos nasce da sua relação com a natureza, envolvendo o respeito e afeto, na construção dessa ligação que se torna sagrada, onde a terra simboliza a grande mãe.

Silva e Sousa (2017, p. 203), acrescenta que:

(...) a espiritualidade constitui-se um meio pelo qual o sujeito individualmente ou em grupo comunica-se com aquilo que considera sagrado e essa comunicação se dá através de manifestações e expressões de religiosidade/espiritualidade. (...) A religião canalizou esta busca espiritual através dos dogmas, ritos, mitos, celebrações e preceitos, porém, a espiritualidade ultrapassa essas normas, devendo a religião estar a serviço da espiritualidade.

A cultura indígena é o resultado da união de conhecimentos, mitos, valores, crenças e costumes dos povos originários do Brasil. A descrição feita por missionários e colonizadores, a respeito dessa população nativa, os definiam como “gente sem fé”, isto devido, a não existência de um Deus e de normas a serem seguidas e temidas. De acordo com Rodrigues (2019), o líder indígena Álvaro Tukano¹, define o seu povo como de rezadores, que vieram da tradição da oralidade. Cantam para seus espíritos, lembranças de seus irmãos espalhados pelo mundo. Interpretam os sonhos e curam as coisas, esse é o modo desses povos se comunicaram [com Deus], desenvolvendo seu espírito e cérebro.

No Nordeste, o Toré é a expressão espiritual-religiosa dos povos indígenas encontrados nessa região, como os Kariri-Xokó e Kalankó, em Alagoas; os Kiriri, Pataxó e Tumbalalá, na Bahia e o Pankararu e Xukuru, em

¹ É um dos principais nomes da resistência indígena nas últimas quatro décadas, tendo como base o Alto do Rio Negro. Foi um dos idealizadores do projeto Séculos Indígenas no Brasil e é atual diretor do Memorial dos Povos Indígenas, em Brasília.

Pernambuco, Ceará e Paraíba. “O Toré significa purificação e ritual sagrado. Se alguém não consegue uma melhora, sente arrepios e fica mole, o vento limpa ele. Quando o Toré acaba, todos voltam calmos para casa, com sono e acordam bem no dia seguinte” (ANDRADE; SOUSA, 2016, p.193).

Através do Toré, os povos indígenas do Nordeste brasileiro, retomam as tradições dos seus antepassados, garantindo a conservação da identidade que quase foi perdida no período colonial, como aconteceu com diversos povos nativos no sertão, que morreram lutando pela sua cultura ou se adaptaram ao modo de vida dos colonizadores. A colonização matou vidas, crenças e culturas, em nome de um tal de “progresso”, que apenas beneficiou um lado, os deles mesmos.

“No Toré existem os Encantados, os Praiá, os pais do Praiá e os dançadores. Quem vai “levantar o Praiá”, deve fazer uma roupa e uma máscara de palha de ouricuri, que serve para encobrir a personalidade do dançador. Durante o ritual, que pode durar várias horas, esse dançador materializa os seres espirituais ou Encantados” (CONTOS DA FLORESTA, 2022).

O Toré cura o corpo e a alma, mas o uso de plantas medicinais também está presente, ajudando na cura de diversas doenças físicas. Segundo Andrade e Sousa (2016, p. 190), os índios dão atenção as suas atividades e instrumentos tradicionais, retirando da sua flora nativa: raízes, folhas e cascas de plantas para a cura de diversas enfermidades, como envenenamento, anemia, dor de cabeça, constipação, inflamações, cansaço, caxumba e úlcera.

As pessoas se curam porque o Toré é uma coisa que nós fazemos como ritual particular [...]. Nós fazemos para fortalecer a espiritualidade de cada um. Sobre a cura do corpo, depende de cada pessoa [...]. Eu quero ser curado, eu sei que aquelas rezas são fortes e podem me aliviar [...]. A cura não é apenas física, mas também espiritual (ANDRADE; SOUSA, 2016, p.193).

Para os índios do sertão, a mata branca, nome esse que significa Caatinga na língua tupi-guarani, é sua terra sagrada, sendo terra de dança, espiritualidade, cura e fé. Além de possuir uma rica biodiversidade vegetal e animal, o bioma Caatinga é dotado de uma expressiva diversidade cultural. Com cerca de 60 povos indígenas, sendo a metade encontrada na bacia do Rio São Francisco.

Os índios da Caatinga vivem, conhecem e conservam essa terra. A relação entre os povos indígenas do sertão e o bioma caatinga, é muito forte, tendo uma ligação de respeito por tudo que a natureza os oferece, havendo um cuidado de preservação para com a mesma.

A Cachoeira de Paulo Afonso, localizada no estado da Bahia, é vista como um lugar sagrado para os índios Kariri-Xocó. Há mais de 100 anos essa área era ponto de encontro de vários povos indígenas pertencentes às aldeias Pankararu, Kariri-Xocó de Alagoas, Kantaruré e Jiripancó, os quais se encontravam para fazer seus grandes rituais sagrados nesse trecho do Rio São Francisco, com o intuito de alimentar suas almas.

Figura 2: Índio Kariri-Xocó avistando o Rio São Francisco.



Fonte: GOMES, 2019.

Para o povo indígena Kariri-Xocó, a terra não é vista como uma simples mercadoria ou um gerador de capital, mas onde podem exercer sua

territorialidade, atribuindo a essa área um significado dotado de muito afeto, pois, é nesse território que tiram seu sustento, plantando coletivamente feijão de corda e macaxeira, e onde conseguem encontrar plantas medicinais para o tratamento de suas doenças, como a aroeira, angico, juazeiro, umburana, capim-santo e hortelã. Praticam também o ritual do Ouricuri, herdados pelos seus antepassados.

A denominação do termo “Ouricuri” é dada tanto ao ritual quanto ao espaço físico onde é celebrado. Os Kariri Xocó têm esse espaço como um local restrito, como um Templo Sagrado, que é frequentado somente por seu povo e algumas outras etnias como: os Fulni-ô, Xukuru -Kariri, Wakonã e Tingui-Botó. Esse Templo Sagrado se encontra no próprio território indígena, porém, está localizado um pouco mais distante de sua aldeia. Esses rituais ocorrem conforme o calendário nativo Kariri Xocó, que é seguido em paralelo ao calendário comum dos não indígenas (SILVA, 2021, p.17).

À vista disso, compreende-se que a caatinga possui um valor simbólico, imaterial e com base material de reprodução para os povos indígenas encontrados no sertão, buscando nessa terra de águas sagradas, sua subsistência, paz de espírito e representação de sua história.

Para o Instituto Sociedade, População e Natureza (2022), o bioma Caatinga é:

(...) o berço de comunidades tradicionais, como os índios Tumbalala, os Xukurus e os Pankararu (...). Estes grupamentos humanos desenvolveram suas próprias estratégias de sobrevivência e convivência com as condições da Caatinga. São guardiões do conhecimento sobre o manejo de plantas, de suas propriedades e usos medicinais, sobre a milenar técnica de busca de águas subterrâneas com forquilhas (conhecida como hidroestesia) e sobre os sinais da natureza que antecedem as secas prolongadas e as chuvas. (INSTITUTO SOCIEDADE, POPULAÇÃO E NATUREZA, 2022).

Os povos indígenas da Caatinga vivem e dependem desse bioma, sendo por meio dele, que o corpo e alma indígena se alimentam. Através da natureza, o físico é alimentado e curado. Com sua espiritualidade dotada de práticas místicas e conhecimentos acerca das plantas medicinais e suas propriedades de uso, os pajés curam enfermidades apenas possuindo fé e conhecimentos sobre a natureza. “Eu confio na mãe natureza... quando a gente fica doente, nós usamos nossas plantas medicinais. Eu tenho uma grande fé em nossas plantas” (ANDRADE; SOUSA, 2016, p.190).

2.2 O Vaqueiro e sua armadura de couro, fé e coragem

“Vencida a Guerra dos Bárbaros pelos currais de boi, foi-se aos poucos se instalando no Grande Sertão, dos sertões secos da Bahia aos sertões do Gurgueia, a civilização do couro, onde os catecúmenos se integraram na condição de índios-vaqueiros” (LINDOSO, 2011, p.103).

Sendo um produto da união de duas culturas e modos de vida distintos, o vaqueiro surge em território sertanejo, por meio do encontro do índio nômade com os currais de boi. “O índio perdia, então, sua visão nômade. Era o vaqueiro no seu cavalo – o índio cavaleiro – que não andava mais de a pé, que pastoreava o boi e o levava a pastar nas manchas de savanas herbáceas” (LINDOSO, 2011, p.46).

Os vaqueiros faziam a quarteação de ano em ano, de cada quatro bezerras, escolhiam uma, não existia salário, o ganho era de acordo com os animais que nasciam. “O índio curraleiro é o índio do trabalho pago, quando o índio de curso é o índio das atividades de subsistência” (LINDOSO, 2011, p.46). Logo, os sertões ganham forma, originando uma terra com rica diversidade indígena, crenças e culturas diversificadas.

Com os currais de boi, vieram os missionários da catequese indígena, originando não apenas vaqueiros-tangedores, mas vaqueiros-rezadores. Para consolidar a conquista das áreas desconhecidas do interior da colônia, a monarquia e os funcionários eclesiásticos, se empenham na conversão das almas indígenas “[...] para aumentar a Religiam Catholica e dilatar a Doutrina Evangelica n'estas Conquista” (ARRAES, 2014, p.63).

Mesmo com a tentativa de substituir por completo a espiritualidade indígena, se introduzindo a religião católica, a fé do vaqueiro ainda possui traços de crenças e costumes indígenas. Os “vaqueiros observam a posição e fase da lua, das estrelas e do sol, assim como decifram os nevoeiros, prevendo chuva, num engajamento sensitivo, numa cadeia comunicativa com o ambiente e com os animais” (PEREIRA, 2021, p.84). Segundo os vaqueiros, através da força da lua, pode-se saber o dia que a vaca irá parir e o sexo do bezerro, a lua também evidência-se as dores, às tornando mais fortes. A relação do vaqueiro com a vegetação da Caatinga e o gado, resultam em experiências, ou seja, conhecimentos oriundos das observações e cuidados.

[...] na força da lua nova – os três dias antes e os três dias depois de a lua nova aparecer no céu – (...) não demoraria uma semana para a vaca parir [...]. São 4 forças da lua. São elas os três dias antes e os três dias depois de as luas nova, crescente, minguante e cheia aparecerem no céu. Outra experiência é a de que cada uma das forças da lua permite com que o vaqueiro saiba antes do bezerro nascer qual o sexo, se observado quando a vaca andou, ou seja, acasalou. Segundo vaqueiros, se a vaca acasalou da lua crescente à lua cheia, há chances maiores do bezerro nascer macho, agora, se a rês pegar cria no período em que a lua estiver nova, até a lua crescente as chances de nascer fêmea é maior (PEREIRA, 2021, p.84).

As rezas também fazem parte da cultura do vaqueiro, curando seus rebanhos por meio da fé. Existem rezas que curam a rês de bicheiras, por meio do rastro, rumo e pelo cipó-vermelho. No rastro, o vaqueiro observa o rastro que a rês toma, pega três pedrinhas, às vira ao contrário em cima do rastro da rês, logo em seguida, profere as palavras. No rumo, também chamada de cura no pasto, o vaqueiro reza no rumo que a rês está, ou seja, a reza é feita na direção que o animal seguiu, qualquer animal doente que passar no rumo que foi rezado, também será curado. “Havendo água (riacho, córrego, açude, por exemplo), entre o rezador e o animal que a reza pretende atingir, não haverá eficácia, porque seu poder de cura para na água” (PEREIRA, 2021, p.91). Na cura pelo cipó-vermelho, o vaqueiro pega o cipó-vermelho, faz uma laçada, depois olha através da laçada e profere as palavras: *“bicho caia de um em um, de três em três, de cinco em cinco, de sete em sete, de nove em nove, até não ficar nenhum”*, em seguida fecha o cipó e o joga para trás. A laçada e a reza precisam ser feitas três vezes.

De acordo com Pereira (2021, p.85), a Caatinga bruta é um desafio para os vaqueiros, onde a mais preservada possui uma vegetação com inúmeros espinhos que podem ferir e cegar. As vestes do vaqueiro, além de ser um dos símbolos do sertão, protege esses homens dos perigos desse bioma.

No tempo da folha, as árvores e arbustos cobertos de verde comprometem mais ainda a visão. No chão, há touceiras – moitas de pequenos arbustos e ramas – que parecem fios embaraçados que se agarram aos pés e às patas de humanos e animais, levando-os a cair. E se não houver proteção para o corpo, a cortante caatinga e as formações rochosas deixarão suas marcas, ferindo, coçando, ardendo. Algumas plantas têm espinhos menores, mas nem por isso são menos agressivas, como a jurema, que, quando em contato com a pele, arranha e coça. Outras se caracterizam por serem peludas, como o cansação, que tanto coça quanto queima. E outras de

estatura mais elevada, como a favela, são cobertas por espinhos extremamente cortantes (PEREIRA, 2021, p.85-86).

Ao entrar nas matas, sejam elas, ralas ou densas, o vaqueiro não apenas aprendeu a sobreviver aos perigos da caatinga, mas criou conhecimentos vastos da sua fauna e flora, adquirindo saberes sobre as plantas com fins medicinais e da grande diversidade animal. A natureza do sertão, faz do vaqueiro um curador, não apenas utilizando rezas, mas plantas capazes de cicatrizar lesões, sejam elas do próprio vaqueiro ou de seus rebanhos.

Para cicatrizar a gente usa aroeira, jurema preta, caju roxo, ameixa, quixabeira. Para tirar espinho, a gente coloca banha de cascavel, banha de sapo, banha da lagartixa, sebo de carneiro capado e a baba do lastrado, e pra corte a gente coloca leite de pinhão em cima. Já pra quebradura, a gente usa breu e o pé de maxixe. É melhor pegar no pé as que tem menos folha e que já estão maduras. Tritura no pilão raiz com tudo, coloca água, peneira e bebe (XAVIER, 2019 apud QUEIROZ; OLIVEIRA, 2019, p.8).

Na pega de boi, é bastante recorrente acontecer lesões, visto que esse esporte decorre das entranhas na caatinga. “Ocorrem quedas dos cavalos, muitas vezes causando graves fraturas nos braços e nas pernas dos vaqueiros. As xerófilas, com os seus espinhos, furam, rasgam as faces.” (MENEZES; ALMEIDA, 2008, p. 189). Mesmo a derrubada do gado existindo desde meados do século XIX, sua existência até os dias atuais, mostra que as crenças e sentimentos de pertencimento que gira em torno dessa prática, há tornou uma tradição, derivada das atividades necessárias do trabalho do vaqueiro, a pega de boi no mato, se tornou uma atração cultural. “Nos lugares sertanejos onde são mantidas estas festas a identidade cultural está construída por meio de símbolos de uma memória coletiva, alicerçada por histórias de bravura, coragem e sagacidade dos vaqueiros de outrora” (CAVALCANTI; BENÍCIO, 2017, p.2).

As vestes de couro, os animais e a Caatinga fazem parte do vaqueiro. Suas lembranças, memórias, rezas passadas entre as gerações e as marcas no corpo causadas pelos espinhos, fizeram sua história. Com seus mitos, ritos, ferramentas e práticas medicinais, o vaqueiro criou uma representação visual e cultura própria.

2.3 O negro nas savanas sertanejas

Os negros, na condição de escravos, não têm direito algum. O negro-escravo é um ser-trabalho absoluto, obrigado a um trabalho até à extrema velhice ou à morte. A situação social do negro de ser-trabalho não cessa. É, entre outras coisas, obrigado a aprender a falar a língua do branco e a crer na religião do branco (LINDOSO, 2011, p.156).

Desde o início da formação social brasileira, o negro-escravo foi sinônimo de trabalho e exploração, sendo a mão-de-obra fundamental para a evolução das atividades econômicas integrantes de um projeto moderno-colonial. Como ocorreu com os índios encontrados no Brasil, a tentativa de converter os negros para o cristianismo, era o objetivo principal dos missionários de Portugal. “Catequizar para dominar”, seria a forma capaz de escravizar a mente e o corpo do negro. A religião católica, estimulada pelos homens brancos, se tornou a religião brasileira, qualquer outra religião que não fosse o catolicismo, era proibida e sua prática reprimida.

Mesmo sendo escravizados, vendidos, torturados e obrigados a trabalhar durante várias horas, lembrar de suas crenças e rituais africanos, os reconectavam com a cultura do seu povo. “Os africanos traziam um lastro cultural muito rico e variado, cheio de calor humano, que se expressava principalmente em suas danças e músicas ritmadas, que nem a dureza da escravidão fazia esquecer [...]” (CRUZ, 2008, p.1). O Candomblé, religião trazida pelos negros escravizados, continuou viva na mente e no coração de seus praticantes.

O candomblé é cultural. O culto da cruz é ritual. O candomblé é uma fala étnica com os orixás de Xangô. O culto da cruz é o ritual da morte de um Deus branco, e está desenhada nas velas dos navios negreiros. O candomblé veio no porão dos navios que vendiam homens, mulheres e crianças (LINDOSO, 2011, p.158).

O candomblé é religião que se liga ao universo sagrado por meio da dança, música e conhecimentos perante o uso de plantas medicinais. Mota e Trad (2011, p. 327), salientam que “o candomblé constitui uma religião com grande complexidade ritual e mítica, cuja tradição oral preserva um conjunto de crenças, símbolos e práticas específicas”.

Para os que integram o candomblé, o seu “herói veste palha da costa da cabeça aos pés, carrega uma lança coberta de taliscas de dendezeiro, tem o poder de levar para longe do planeta qualquer enfermidade e atende pelo nome de Omulu, o orixá da cura” (PORTAL GELEDÉS, 2020). Sendo Capaz de curar sofrimentos físicos e psicológicos, como “dor de cabeça, desmaio, depressão, problemas de visão, taquicardia, amnésia, doenças de pele, febre reumática, convulsões, alcoolismo, insônia, doença dos nervos e doenças da barriga” (MOTA; TRAD, 2011, p.332).

Dentre as diversas práticas utilizadas para a melhoria do estado de aflição, há o ebó, o bori, o uso das ervas, das folhas, os banhos, as benzeduras, as beberagens, limpeza do corpo e do espírito, além dos aconselhamentos. As estratégias de cuidado também podem ser oferecidas em forma de oferendas aos orixás, seja pedindo para que algo aconteça, para que algo seja desfeito, ou em agradecimento pela dádiva alcançada (MOTA; TRAD, 2011, p.327).

Com uma rica religiosidade, o negro foi obrigado a esquecer a religião de seu povo, não exercendo sua religiosidade e nem transmitindo seus conhecimentos religiosos para as futuras gerações. Nunes (2020) ressalta que segundo o sacerdote de candomblé, “quando os seus ancestrais foram arrancados da África, e trazidos à força para o Brasil, foram obrigados a adotar a fé do colonizador”. Proibidos de cultuar suas divindades, os escravos utilizavam os santos católicos para exercer de forma discreta sua fé.

No Brasil, os negros estabeleceram conhecida correspondência dos orixás com os santos católicos: Xangô com São Jerônimo, pelo domínio do trovão; Oxóssi com São Jorge, pela luta mitológica contra o dragão da maldade; Ogum com Santo Antônio, pela capacidade guerreira de cada um; Nanã com Santana, pela senioridade; Logum Edé com São Miguel Arcanjo, por causa da balança que os simboliza; Iroco com São Francisco, pelo convívio com a natureza; Iemanjá com Nossa Senhora, pela maternidade; Iansã com Santa Bárbara, pelo poder contra o raio; Exu com o Diabo por atributos eróticos e comportamento transgressivo; Oxalá com Jesus Cristo, pela posição superior de cada um nas duas religiões etc. (PRANDI, 2011, p.23).

Perante as imposições feitas pela igreja calótica e o colonizador, o negro se revolta, fugindo de toda dor física que a escravização o trouxe. Nas palavras de Costa (2016, p. 1), “o negro africano desenvolveu várias formas de combater e resistir ao sistema colonial escravizador da mão de obra africana, dentre elas, a principal foi a fuga dos negros”. A materialização da luta e

resistência negra, recebeu o nome de quilombo ou mocambo, local que simbolizava um recomeço. Com suas crenças, costumes e cultura proibidas de serem praticadas, o quilombo representava o encontro do negro escravizado com sua liberdade.

A formação de quilombos não foi esporádica nem pontual em nosso país. Onde houve trabalho escravo, houve também a rebeldia a ele, muitas vezes sob a forma de quilombos. Esses foram de vários tipos, pequenos, grandes, próximos às cidades ou bem distantes delas, variavam também na forma de organização e em sua origem. Contudo, mesmo sendo o quilombo o lugar da liberdade e da reconquista da dignidade, mesmo tendo relações com o que veio a ser o quilombo na África, não se pode deixar de dizer que o quilombo não é a África, e seus membros não serão africanos, e sim um novo tipo de brasileiros (SILVA; NASCIMENTO, 2012, p.27).

Surge assim, uma população com moldes da cultura africana, porém, com cultura própria, unindo a organização social da África com uma cultura agrícola de terras coletivas. Segundo Costa (2016, p. 1-2), os quilombos tinham como finalidade, reproduzir as civilizações africanas nas terras do Novo Mundo, tendo suas práticas e valores culturais, religiosos, sociais e econômicos, traduzidos nas sociedades quilombolas. Esse meio ambiente novo, gerou segundo Lindoso (2011, p.161),

Uma sociedade com o trabalho obrigatório para todos, mas trabalho livre e não escravo, com armazéns de silos para distribuir os produtos agrícolas gratuitamente, e com o trabalho dignificado da mulher poliândrica de cerca de cinco ou seis maridos (LINDOSO, 2011, p.161).

O quilombo mais famoso foi o de palmares, com cerca de 20 mil negros fugidos, se tornou um símbolo de resistência, coragem e luta. Desenvolvida no final do século XVI, na capitania de Pernambuco, mais precisamente no estado de Alagoas. O Quilombo de Palmares era composto por escravos fugidos dos engenhos, que se escondiam na região da Serra da Barriga.

A luta do Regimento Henrique Dias não é contra apenas negros de Zumbi e Ganga Zumba, de negros contra negros. É luta mais profundamente social, de negros-soldados contra negros quilombolas, porque estes retomaram no Quilombo dos Palmares sua capacidade de produzir história. A história dos negros-soldados de Henrique Dias era a mesma história produzida pelo Estado colonial (LINDOSO, 2011, p.156).

Eram negros com esperança, contra negros que defendiam o Estado colonial, lutando contra os seus, em busca de fazer parte de uma história que os descreviam como mercadoria. Os negros-soldados lutaram contra a tentativa de reviver a história do negro como ser humano, enquanto os negros quilombolas buscavam a liberdade de escrever sua história.

Por apresentarem distanciamento do convívio urbano, o negro quilombola construiu uma identidade através das experiências vividas em seu cotidiano. “As fontes orais fornecem potencialmente elementos que permitem apreender a dinâmica social dos grupos, as condições de vida, fazeres, normas e comportamentos” (SOUZA; ARAÚJO, 2016, p.3). Diante disso, suas práticas de cura foram desenvolvidas a partir da relação que os quilombos possuíam com a terra, cultivando plantas medicinais que conheciam seus benefícios e as utilizando em seus rituais.

As mulheres negras no quilombo tinham uma função muito importante na manutenção da vivência. Eram mulheres corajosas que estava sempre enfrentando os perigos junto aos seus companheiros. Elas cuidavam de preparar o homem para ir caçar, com banhos de ervas, amuletos que o livraria do mal, e a elas cabia a função de cuidar de feridas e doenças das pessoas no quilombo, por meio do conhecimento das ervas medicinais, e invocação de deuses (OLIVEIRA, 2018, p.7).

O sertão possui uma extrema diversidade cultural, que apresenta costumes e modos de vida que guardam conhecimentos sobre a grande biodiversidade da Caatinga. As mulheres quilombolas encontradas no sertão, contribuem para a preservação do bioma caatinga, pois, armazenam sementes de plantas nativas medicinais, com a finalidade de mantê-las presentes em território e praticam sua ancestralidade através da comida, da dança e do artesanato. Entre as diversas matrizes de racionalidade encontradas no sertão, o povo quilombola detêm conhecimentos produzidos e mantidos por gerações, capazes de curar diversas doenças.

2.4 Os Profetas da Caatinga

“O catolicismo popular é fruto de um espírito ou de uma mentalidade devocional do povo, revela o caráter da religião popular e visa oferecer fé e cultura através da tradição religiosa” (VIANA, 2017, p.6). O sertão nordestino,

terra onde foi difundida a religião católica, originou um catolicismo popular, dotado de uma religiosidade formada por crenças, rituais e uma tradição de fé cultural, adorando de modo sincrético à Deus.

A formação católica do povo nordestino representa um viés importante na religiosidade popular, aliada ao fato de que o semiárido brasileiro é caracterizado climaticamente pela baixa umidade e distribuição irregular de chuvas, com períodos secos e possibilidade de sucessivos anos de estiagem, realidade esta que favoreceu uma forte crença nos santos para socorrer os que estão na terra. Sertão adentro, homens e mulheres sempre rezaram dias e noites pedindo chuva. O dia que para alguns é 'feio', para o nordestino é esperança e, de tão bonito, diz-se: está bonito para chover! (ELIZ, 2020).

Essa fé manifestada por gente simples e humilde, confiando em Deus, rezando e orando pelas curas dos meles do corpo e da alma, surgiria no sertão nordestino. “Apareceu nesse momento pelo interior, a figura do beato, que pregava a vinda de um salvador pelos sertões” (MEMORIAL LUIZ GONZAGA). Vares (2017, p.114-115), ressalta que os santos de devoção do povo sertanejo, são homens comuns com qualidades e defeitos, porém, suas virtudes podem elucidar o povo.

Os beatos e conselheiros, eram vistos como líderes religiosos. Os conselheiros apresentavam um domínio sobre temas religiosos, aconselhando e pregando a palavra divina. Os Beatos rezavam, cantavam ladainhas e pediam esmolas visando construir igrejas. “Esses beatos pregavam que um messias enviado por Deus, viria tirar as pessoas da miséria, aglomerando-as em torno de si, formando pequenos grupos de religiosos fanáticos” (MEMORIAL LUIZ GONZAGA).

O beato Antônio Vicente Mendes Maciel, apelidado de Antônio Conselheiro, foi considerado pelo Império e pela Igreja católica, um louco, todavia, esse louco conseguiu criar uma utopia evangélica com 20 mil seguidores. Canudos era lugar de luta, reza e trabalho, tendo uma agricultura coletiva e auto-sustentável. Formando-se uma sociedade de trabalho, reza e luta, sendo totalmente comandada por um beato louco, o bispo da Bahia teve uma reação, acusando Antônio Conselheiro em um texto de fazer “um grande mal à religião e ao estado, distraindo o povo de suas obrigações e arrastando-o após si, procurando convercer de que era o Espírito Santo” (LINDOSO, 2011, p.124). Júnior (2021), ressalta que os acontecimentos na guerra de Canudos,

no sertão da Bahia, que se entenderam entre 1896 e 1897, ocasionaram confrontos entre os seguidores do beato Antônio Conselheiro e o Exército brasileiro.

O que mais admirou às tropas militares que cercaram Canudos e o destruíram foi essa disposição popular para a luta. O homem e a mulher que rezavam, lutavam. O menino e a menina que brincavam, lutavam. Quem trabalhava, lutava. Essa sociedade de beatos - guerrilheiros não criava distância entre o trabalho e a luta, entre a reza e a luta, entre o amor e a luta, entre o brinquedo infantil e a guerra. Canudos foi o maior exemplo, no Grande Sertão, de uma sociedade feita para a fé de Cristo – o Bom Jesus da serra do Bugaço, em Portugal – e para a conquista e divisão das terras sesmeiras coloniais. Foi, desde o início, uma sociedade organizada para a guerra permanente entre a pobreza sertaneja e a organização nacional republicana. (LINDOSO, 2011, p.121).

A guerra das caatingas de Canudos, mostrou como a forte religiosidade do sertanejo era capaz de transformar beatos, em santos. Por ser uma região arcaica e a maioria da sua população vivendo de forma miserável, isso devido a existência de uma crise generalizada, onde engenhos tinham entrado em decadência, como também a ocorrência da seca de 1870 e o fim da escravidão, sem nenhum suporte para a inserção do negro na sociedade. Em meio a mortes, descaso e abandono, a fé se torna algo que pode amenizar ou acabar por completo, as dores da realidade dura dessa gente.

O beato Antônio Conselheiro representava para os sertanejos, a palavra acessível, estando sempre próximo ao povo, conhecia suas dificuldades e necessidades, dessa forma, preenchia suas carências afetivas e espirituais. Quando homens simples, são tratados como iguais por um homem cheio de sabedoria e conhecedor da palavra de Deus, se tornam gratos, sendo capazes de trabalhar, rezar e lutar pelas ideais e pensamentos transmitidos por ele.

Vivendo uma vida terrena muito precária e cheia de sofrimentos, as promessas e profecias messiânicas de finais dos tempos e de salvação após a morte ganhavam logo muitos adeptos. O desespero, a desesperança na vida terrena faziam com que muitos depositassem sua fé nesses profetas populares e suas mensagens de salvação. O analfabetismo da maior parte das pessoas a afastava de uma Igreja oficial que ainda pregava suas cerimônias em latim e participava dos banquetes do poderosos, levando vidas muito distanciadas daquela do Cristo, muitos claramente “vivendo em pecado”, distantes da vida da população (JÚNIOR, 2021).

O desenvolvimento de fenômenos como a religiosidade popular no sertão Nordestino, ocasionou o surgimento de santos populares, como o Padre Cícero Romão Batista, conhecido como Padim Ciço, Frei Damião de Bozanno, Padre Ibiapina, Dom Vital, São Longuinho e a Menina-Sem-Nome. Lóssio e Vainsercher (2006), observaram como a devoção à santos não-canônicos é bastante viva no Nordeste do país, onde os poderes desses santos populares são vivenciados e sua fé canalizada perante o poder sobrenatural que curam diversas doenças. Nomes como padre Cícero e Frei Damião, ainda são bastante lembrados em dias atuais. Esses homens santos, operavam milagres por onde passavam, se tornando a esperança de cura para os sertanejos.

Frei Damião é transformado pela cultura nordestina no sucessor do Pe. Cícero, conhecido pelos devotos e peregrinos como “Meu Padim Ciço Romão”. Onde quer que ele se encontrasse, havia um clima de festa e devoção. Quando ele saía em procissão, a multidão gritava: “Valhei-me, Frei Damião! Valhei-me, meu Padim Ciço!” Esta manifestação devocional do povo do sertão nordestino vai cristalizar-se em Frei Damião de Bozzano. O significado da menção ao Padre Cícero era literal, numa gigantesca concentração popular ocorrida numa das suas missões em 1975, embora quase todos daquele lugar, como em todos os Estados do Nordeste, tinham a certeza de estarem diante próprio santo (Pe. Cícero) que cativou os nordestinos com suas pregações e seus milagres. (CRUZ, 2010 apud LEONEL, 2022, p.25).

Vários milagres foram presenciados, contribuindo para que a representação de santidade perante ao frei Damião fosse construída em torno do eclasiástico. Milagres como o que ocorreu em São Joaquim do Monte (133 km de Recife), onde foi gravado os pés do frade no cimento, a aposentada Olívia Soares da Silva de 71 anos, presenciou a ocorrência de um milagre, segundo Olívia, ela conhece a menina que era incapaz de andar, mas ao colocar seus pés sobre as marcas deixadas por frei Damião, conseguiu a graça de voltar a andar. Cegos também voltaram a enxergar, graças ao frei. “Assim, relatos como estes dos possíveis milagres fizeram com o que as pessoas tivessem ainda mais fé em Frei Damiao, pois é possível perceber [...], que Frei Damião se configura para eles como um santo milagroso” (LEONEL, 2022, p. 42). Na figura 3, percebe-se a materialização da fé sertaneja por seus santos populares, tendo Padre Cícero e Madrinha Dodô, representados em estátuas no altar de inúmeras residências do sertão.

Figura 3- Altar dos Santos

Fonte: GOMES, 2022.

Outros nomes famosos no sertão nordestino, são o do beato Pedro Batista e Madrinha Dodô. Pedro Batista ficou famoso nos Estados de Alagoas, Pernambuco, Bahia e Sergipe, por meio de conselhos e milagres feitos em suas peregrinações. Semelhante ao que aconteceu com Antônio Conselheiro, Pedro Batista trazia a esperança por dias melhores, como a cura de mal físico e espiritual, assim, não demorou muito para que ele se tornasse símbolo de cura e fé.

A cidade de Santa Brígida-BA, conduz consigo a história do beato Pedro Batista, sua ocupação territorial foi ampliada devido a chegada de muitos sertanejos em busca de uma proximidade com o homem santo. Essa fé materializada em território, já tinha sido observada em Canudos, mas Pedro Batista mostrou como o catolicismo popular ainda se mantinha viva nas crenças sertanejas.

Madrinha Dodô é outro exemplo do poder da religiosidade sertaneja e, sua capacidade de eternizar homens e mulheres que se tornaram importantes para sua história de cura. Beata que conviveu com Padre Cícero e Pedro Batista, possuía o dom de curar por meio do benzimento. Mesmo depois de sua morte, em 1988, muitos sertanejos ainda clamam por seus milagres, se tornando uma santa, aos seus olhos. Madrinha Dodô se mantém viva na memória de quem há conheceu, nas orações cheias de fé e nas fotos ou estátuas (figura 4) colocadas em um lugar especial de diversas casas sertanejas.

Figura 4- Foto e Estátua de Madrinha Dodô



Fonte: GOMES, 2022.

A oração que será descrita, registrada em entrevista, se desenvolveu através das palavras de uma avó, clamando pela saúde de seu neto, que estava com febre reumática. Totalmente desenganado pelos médicos, a senhora I.M de 86 anos, fez uma oração para Madrinha Dodô da seguinte maneira:

“Madrinha Dodô...eu te peço a vós, vós fez sua penitência na terra, vós não morreu, vós se mudou, que eu sei de tudo, que a senhora está com nosso senhor, rogue à Deus, que o meu neto não morra dessa, e que ele não perda a perna, e quando ele ficar bom, vai fazer uma visita a senhora, e vai mandar fazer a perna e deixar lá nos pés de vós, na sua estátua e nós vamos rezar um terço”

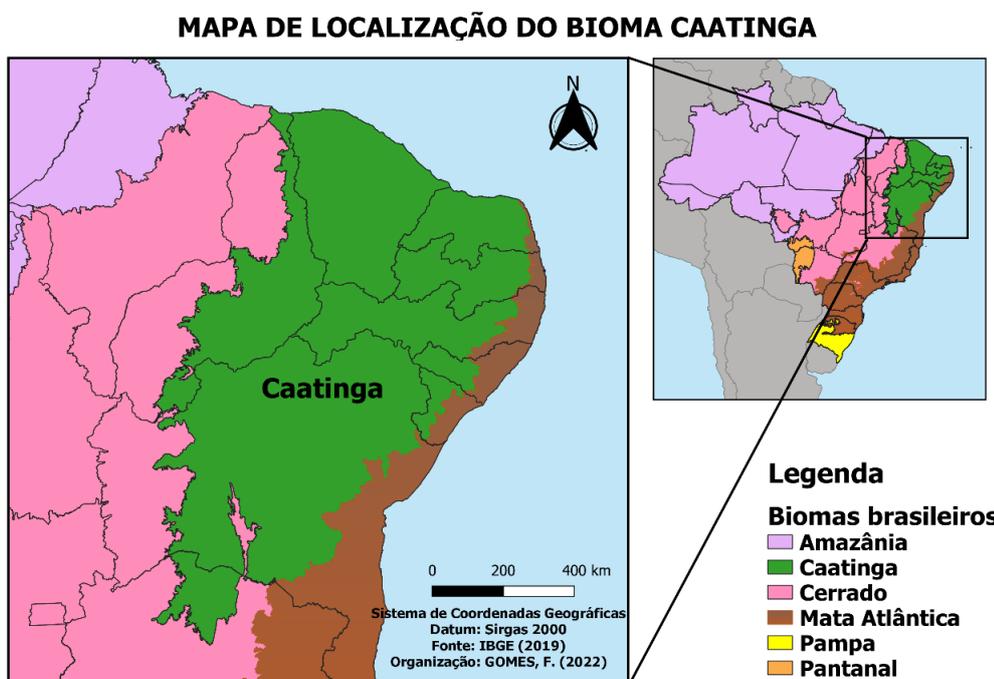
A cura do neto da senhora I.M, foi observada ao nascer do outro dia, sem nenhuma explicação, mas, desde quando recebeu a notícia, já sabia quem tinha rogado à Deus pela saúde dele, e como foi prometido em oração, a visita e o terço foram feitas.

Fé e sertão são indissociáveis, à vista disso, a fé sertaneja é carregada de promessas, milagres, devoção, mitos e lendas, mas, com a esperança por dias melhores, sempre viva em seus corações.

3 – RIQUEZAS DA CAATINGA: O SABER-FAZER DO SERTANEJO

A Caatinga é um dos biomas encontrados no território brasileiro, sendo o único pertencente exclusivamente ao Brasil e com ocorrência quase que majoritariamente na região Nordeste do país. Como mostra na figura 5, o bioma caatinga se estende-se pelos estados do Ceará (100%), Rio Grande do Norte (95%), Paraíba (92%), Pernambuco (83%), Piauí (63%), Bahia (54%), Sergipe (49%), Alagoas (48%), até uma pequena porção do Maranhão (34%), Tocantins (9%) e Minas Gerais (2%) (IBGE, 2012; MMA, 2012^a apud LIPORACCI, 2014, p.7).

Figura 5- Mapa de localização do Bioma Caatinga



Fonte: GOMES, 2022.

A caatinga apresenta em seus relevos, formas como serras, planaltos, depressão sertaneja e chapadas. Com origem de rochas cristalinas e sedimentares, o relevo desse bioma, foi modelado através de agentes modeladores, sendo o vento, chuvas, temperatura e umidade, os responsáveis pela sua formação diversa. “Muda o relevo, a geologia, a altitude, a fitofisionomia da vegetação, e também se percebe pequenas diferenças no clima. Em consequência, mudam os solos e o uso da terra” (FILHO, 2011, p.4).

Os solos que se destacam no bioma são os Latossolos, Neossolos, Planossolos, Argissolos, Plintossolos, Nitossolos, Vertissolos, Chernossolos, Luvisolos e Cambissolos.

As características que englobam a Caatinga são “a mais alta radiação solar, baixa nebulosidade, a mais alta temperatura média anual, as mais baixas taxas de umidade relativa do ar, evapotranspiração potencial mais elevada e precipitações baixas e irregulares durante um período muito curto no ano” (LIPORACCI, 2014, p.7). Com clima semiárido, a caatinga detém diversas paisagens em períodos secos e chuvosos. Com precipitação de 800mm por ano, onde nos períodos chuvosos chega a 1.000mm e nos períodos secos, gira em torno de 200mm, sua temperatura anual em média varia de 25°C a 30°C.

Mesmo tendo uma vegetação descrita como seca, a resiliência da caatinga, faz reviver ao cair da chuva, não apenas a esperança de um povo, mas sua fauna e flora, que apresenta em sua floresta de galhos tortos e espinhosos, uma riqueza de biodiversidade. A adaptação climática das plantas e animais do bioma caatinga, se desenvolvem a partir de mecanismos aptos a sobreviver mesmo com uma disponibilidade hídrica escassa, onde os animais desenvolvem hábitos em função das condições diversas que o clima dessa região os apresenta. Seu patrimônio biológico “compreende 932 espécies de plantas, 178 espécies de mamíferos, 591 de aves, 177 de répteis, 79 espécies de anfíbios, 241 de peixes e 221 de abelhas, sendo muitas espécies endêmicas” (LIPORACCI, 2014, p.7).

TABELA 1 – Fauna do Bioma Caatinga.

FAUNA DA CAATINGA	
AVES	Ararinha azul (<i>Cyanopsitta spixii</i>), Arara-azul-de-lear (<i>Anodorhynchus leari</i>), Asa-branca (<i>Patagioenas picazuro</i>), Periquito-da-Caatinga (<i>Eupsittula cactorum</i>), Arapaçu-de-cerrado (<i>Lepidocolaptes angustirostris</i>), Beija-flor vermelho (<i>Chrysolampis mosquitus</i>), Caburé (<i>Glaucidium brasilianum</i>), Canário-da-terra verdadeiro (<i>Sicalis flaveola</i>), Carcará (<i>Caracara plancus</i>), Cardeal-do-nordeste (<i>Paroaria dominicana</i>), Corrupião (<i>Icterus jamacaii</i>), Gralha-cancá (<i>Cyanocorax cyanopogon</i>), Jacucaca (<i>Penelope jacucaca</i>), Seriema (<i>Cariama cristata</i>), Maracanã-verdadeira (<i>Primolius maracana</i>), Papagaio-verdadeiro (<i>Amazona aestiva</i>), Pica-pau-de-topete-vermelho (<i>Campephilus melanoleucos</i>), Piu-piu (<i>Myrmorchilus strigilatus</i>), Águia-chilena (<i>Geranoaetus</i>

	melanoleucus), Azulão (<i>Cyanocompsa brissonii</i>), Corrupião (<i>Icterus jamacaii</i>), Jaó-do-sul (<i>Crypturellus noctivagus</i>), Soldadinho-do-araripe (<i>Antilophia bokermanni</i>), Rapazinhos-dos-velhos (<i>Nystalus maculatus</i>).
MAMÍFEROS	Guigó da Caatinga (<i>Callicebus barbarabrownae</i>), Preá da Caatinga (<i>Cavia aperea</i>), Raposa da Caatinga ou cachorro-do-mato (<i>Cerdocyon thous</i> L), Tatu-bola-da-caatinga (<i>Tolypeutes tricinctus</i>), Onça-parda-da-Caatinga, Suçuarana (<i>Puma concolor</i>), Cutia (<i>Dasyprocta Aguti</i>), Gambá-de-orelha-branca (<i>Didelphis albiventris</i>), Macaco-prego (<i>Sapajus libidinosus</i>), Mão-pelada ou Guaxinim (<i>Procyon cancrivorus</i>), Sagui-de-tufos-brancos (<i>Callithrix jacchus</i>), Veado-catingueiro (<i>Mazama gouazoubira</i>), Mocó (<i>Kerodon rupestris</i>).
RÉPTEIS	Camaleão-da-Caatinga ou Camaleão-falso (<i>Polychrus acutirostris</i>), Jiboia-constritora (<i>Boa constrictor</i>), Calango-de-cauda-verde (<i>Ameivula venetacaudus</i>), Preguiça-de-chifres (<i>Stenocercus</i> sp. n.).
ANFÍBIOS	Sapo-guardinha (<i>Rhinella granulosa</i>), Sapo-boi (<i>Rhinella diptycha</i>), Perereca-de-capacete-da-Caatinga (<i>Corythomantis greeningi</i>), Sapo-cururu (<i>Rhinella marina</i>).
PEIXES	Dourado (<i>Salminus franciscanus</i>), Pacamã (<i>Lophiosilurus alexandri</i>), Curimatã (<i>Prochilodus</i> sp.), Surubim (<i>Pseudoplatystoma corruscans</i>).
ABELHAS	Mandaçaia (<i>Melipona mandacaia</i>), Abelha branca (<i>Frieseomelitta doederleini</i>), Manduri (<i>Melipona asilvai</i>).

Fonte: Embrapa, 2021²

A biodiversidade da caatinga é extremamente rica, não apenas em espécies de animais, mas em diversidade de plantas. Com uma vegetação constituída por plantas xerófitas, pertinente a esse tipo de clima por armazenarem grande volume de água e possuírem poucas folhas (para diminuir a área de evaporação) e raízes longas para alcançar água em um nível mais profundo do solo (MELO, 2020). As plantas nativas dessa vegetação são compostas pelo Mandacaru, Aroeira, Cacto, Palma, Xique-xique, Flor da Catigueira, Empira, Baraúna, Quixabeira, Barbatimão, Angico, Juazeiro, Umbuzeiro, Coroa-de-Frade, Facheiro, entre outras.

Esse bioma não sofre exclusivamente com questões climáticas, historicamente a Caatinga sofreu e vem sofrendo com as ações humanas. Por volta do século XVI, a implementação da produção pecuarista no bioma Caatinga, mostra que embora sua vegetação possuísse resistência aos fatores

² <https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/tematicas/bioma-caatinga/fauna>

climáticos, não possuía a força capaz de resistir a ganância dos exploradores europeus. Através da ocupação portuguesa no interior da colônia, se originou a perda de diversas espécies nativas, isso em decorrência do desmatamento e da introdução de espécies invasoras, que modificaram o ecossistema.

No Nordeste brasileiro ao mesmo tempo em que houve a troca das matas do bioma Mata Atlântica pelo cultivo da cana de açúcar ocorreram na Caatinga a substituição de suas florestas secas pela pastagem para criações, bem como o desmatamento dessas florestas para uso de suas madeiras. A utilização do solo da Caatinga para práticas agrícolas de subsistência e a retirada constante de madeira para diferentes fins, como a construção e manutenção de cercas estão associadas à presença humana (JÚNIOR et al., 2016, p. 517).

Atualmente, as cercas ainda estão presentes em território sertanejo, mas a utilização de madeiras para sua construção, se feita de forma correta, poderá não acarretar muitos danos as espécies nativas utilizadas.

Segundo C. G., agricultor da cidade de Olho D`Água do Casado-AL:

“A madeira que é utilizada para estaca, é pereiro, jurema e angico. É a grossura própria para o corte é a partir de 10 centímetros. Se for tirar estaca, com um ano já tira novamente, aquelas que eram finas, engrossam, e dar estaca de novo. Agora se for broca geral, para tirar tudo, estaca e madeira para fazer carvão e lenha para padaria, só vai ter madeira reformada de novo, depois de quinze anos”.

O bioma Caatinga possui um grande potencial energético, sendo assim, a lenha e o carvão vegetal, são a segunda fonte de energia primária com mais importância para o sertão nordestino. Por apresentar um alto consumo da lenha na região, o uso sustentável é a forma mais viável para esse bioma não sofrer mais perdas em seu ecossistema. Apesar de conter um elevado poder regenerativo, é necessário que o manejo ocorra de forma sustentável e em um tempo ideal. De acordo com Melo (2020), a preservação da vegetação original ainda existente, não é a única solução para esse problema, mas a aplicação de estratégias de restauração do que já foi perdido, como também o entendimento perante os recursos que podem ser extraídos de forma sustentável.

De acordo com Praciano (2021, p.35), uma parcela da população rural do sertão, possui a necessidade de utilizar carvão vegetal ou lenha para cozinhar seus alimentos, não apresentando condições socioeconômicas suficientes para compra um botijão de gás de cozinha (GLP – Gás liquefeito de petróleo). Posto isto, para assegurar que sertanejos com vulnerabilidade

econômica consigam se alimentar, a algaroba é uma alternativa para a produção de lenha e carvão vegetal, por não ser uma espécie nativa do bioma, pode ser usada livremente para a produção de carvão. Porém, a extração ilegal de diversas espécies da caatinga, ainda ocorre, ocasionando perdas na vegetação e degradação em seu ecossistema. É necessário salientar, que a lenha retirada em menor escala, não ocasiona a devastação da caatinga.

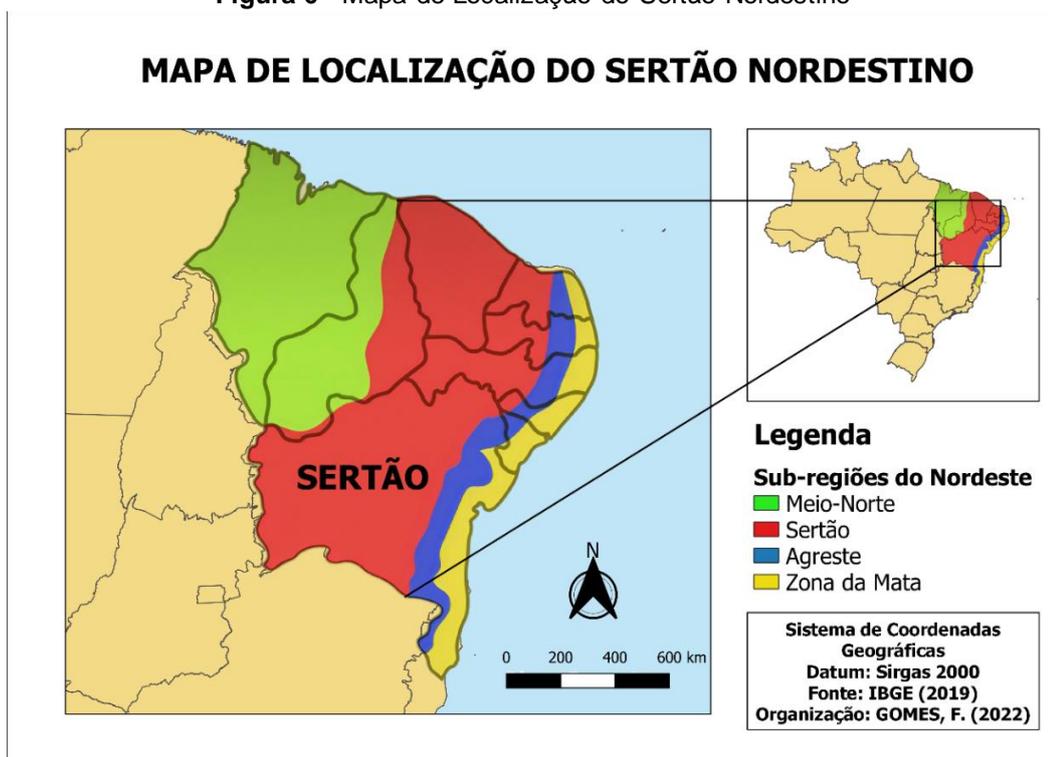
Diante disso, o manejo florestal é a solução capaz de conservar o bioma e manter a geração de renda para os produtores rurais, sejam eles pequenos, médios ou grandes. Assim, além de gerar renda de forma sustentável, o manejo florestal proporciona a organização do uso e ocupação do solo, sem ocasionar grande impacto em seu ecossistema. Por meio da promoção dessa prática, a economia regional conseguirá produzir lenha legalizada, mantendo sua diversidade biológica e conseqüentemente sua renda familiar.

O manejo florestal é uma atividade que beneficia as áreas florestais pertencentes às comunidades tradicionais (vaqueiras, fundo e fecho de pasto, quilombolas, extrativistas); de assentamentos e pequenos agricultores; de proprietários rurais que pretendem incrementar e diversificar a capacidade produtiva de suas propriedades; e dos consumidores de produtos florestais. No Nordeste, os maiores beneficiados pelo manejo florestal são os agricultores e comunidades que criam o gado “à solta” nas Caatingas, as comunidades extrativistas que coletam os frutos nativos como umbu, maracujá, licuri, jatobá, os produtores de estacas, lenha e varas e os consumidores de lenha. Tal sinergia auxilia na produção de base sustentável, e assim permite a utilização permanente dos recursos florestais, e no caso das empresas consumidoras de lenha, seu abastecimento passa a ser legalizado e de origem sustentável. O manejo não se restringe apenas a cadeia de produtos energéticos, ele se estende até setores como a indústria moveleira local (IBAMA, 2021, p. 4).

O sertão nordestino, apresenta das suas mutáveis paisagens, uma riqueza que vai além da madeira. Sua diversidade de fauna e flora, possibilitou a criação de recursos capazes de manter a sobrevivência do sertanejo e da sertaneja, através da caça de animais, frutas nativas e plantas com fins medicinais.

Como nota-se na figura 6, o Nordeste brasileiro apresenta quatro sub-regiões: Meio-norte, Agreste, Zona da mata e o Sertão, a maior mesorregião nordestina. Com abrangência em todo o Ceará e partes dos Estados da Bahia, Alagoas, Pernambuco, PiauÍ, Paraíba, Sergipe e Rio Grande do Norte, sua vegetação predominante é o bioma Caatinga e clima semiárido.

Figura 6 - Mapa de Localização do Sertão Nordestino



Fonte: GOMES, 2022.

O sertão é agraciado com o rio mais extenso e totalmente brasileiro, o rio São Francisco, nascendo na serra da canastra em Minas Gerais e passando pelos estados de Alagoas, Bahia, Sergipe e Pernambuco, tem uma área aproximada de 640.000 Km², abrangendo 500 municípios e com uma população de 14,2 milhões de pessoas. De natureza perene, é chamado carinhosamente de “Velho Chico” pelos sertanejos e sertanejas, possui uma importância histórica, econômica e cultural para o sertão nordestino, pois, a história do rio São Francisco se entrelaça com as das comunidades sertanejas, sendo representação de luta, vida e espaços espirituais. Sua utilização vai além da irrigação, abastecimento de água, navegação e produção de eletricidade, o Velho Chico apresenta uma grande importância para as diversas comunidades sertanejas, principalmente para os povos indígenas e quilombolas.

O rio São Francisco não é apenas a esperança de água na seca, o Velho Chico é resistência e fé. Se o rio morre, não apenas o corpo físico morre, mas a cultura de diversos povos também.

As populações humanas encontradas no sertão, são grupos que possuem uma ligação encadeada por meio da sua ligação com o Rio São Francisco e com o bioma caatinga, proporcionando um vasto número de conhecimentos tradicionais, unificados ao clima, fauna, flora, solos e paisagens multáveis do sertão nordestino. Segundo o Instituto Sociedade, População e Natureza (2019), o acúmulo de conhecimentos angariados entre as gerações, permitiu que as populações humanas residentes no sertão brasileiro, construíssem condições capazes de lidar com as adversidades, tendo a habilidade de saber como:

Otimizar o aproveitamento de água, o manejo de caprinos “pé duro” (raça crioula resultante de seleção natural), a ampla utilização da flora (alimentação, saúde, ração animal etc.) e o uso de sementes crioulas, com espécies mais adaptadas às peculiaridades regionais. (INSTITUTO SOCIEDADE, POPULAÇÃO E NATUREZA, 2019).

Os povos do sertão adquiriram conhecimentos que os permitiram sobreviver, aprendendo a conhecer e utilizar o bioma de diversas formas. As comunidades do sertão tiram sua renda, seja completa ou parcial, a partir da criação de bovinos, caprinos e ovinos; da agricultura familiar; extração de madeira e da comercialização e utilização de plantas alimentícias e medicinais de espécies nativas da caatinga “que são utilizadas em comunidades tradicionais, como remédios caseiros, sendo consideradas a matéria-prima para fabricação de fitoterápicos e outros medicamentos” (LEÃO; FERREIRA; JARDIM, 2007 apud ARAÚJO et al, 2017, p.34). Os recursos naturais encontrados nesse bioma, geram a produção social desses indivíduos, ocasionando trabalho e renda de forma sustentável.

As possibilidades de exploração, de forma sustentável, dos recursos naturais e a ocupação dos recursos humanos nas múltiplas atividades da fruticultura, como produção de polpa, doces cristalizados, compotas, massas, sucos, licores, vinhos e outras iguarias, oportunizando a geração de renda e alimento, são viáveis. O problema é que uma grande parcela de produtores/catadores de frutas nativas ainda não entendeu a importância dessa atividade (LEAL et al., 2006 apud ALMEIDA, 2009, p.18).

Por meio do uso sustentável da caatinga, muitas famílias sertanejas conseguiram tirar seu sustento por meio das frutas nativas, da pecuária sustentável e da agricultura orgânica. Todas as atividades produtivas,

derivadas da retirada de matéria-prima da caatinga, seja da madeira para construir cercas e produzir carvão vegetal; da utilização de frutas como umbu, maracujá-da-caatinga e caju para a produção de doces, geleias e castanhas; ou da comercialização de plantas nativas com fins medicinais para o tratamento de doenças e o seu uso para a alimentação dos animais, são geradores de renda e de possibilidades para a permanência de sua população.

Por muito tempo, indivíduos que residem na caatinga, se viram com a necessidade de ir em busca de trabalho e renda, para além do sertão, mas a valorização das riquezas encontrados nesse solo, descrito por muitos, como seco e pouco diverso, se tornou algo capaz de manter seus habitantes. Para usufruir dos potenciais desse bioma tão rico de forma sustentável, deve-se utilizar de maneira consciente e respeitando seu ritmo, ao retirar uma lenha, planta ou fruto, é necessário dar o tempo propício para sua restauração. Caatinga é vida, cultura, história e cuidado. E da mesma forma que cuida da sua gente, necessita se cuidada.

3.1 Produtos florestais não madeireiros da caatinga

Diferente do que a maioria acredita, o bioma caatinga não é um deserto sem vida, sua biodiversidade é extremamente rica. Descrito e imaginado por muitos, uma região sem trabalho e renda, o sertão não é visto como um lugar capaz de manter sua gente. A população sertaneja, seria como a asa branca retratada na canção de Luiz Gonzaga, em 1947, obrigados a deixar sua terra, para ir em busca de melhores condições de vida.

A Caatinga frequentemente é representada por imagens que revelam uma vegetação seca e agressiva, acompanhada de animais mortos e migrantes nas estradas. Essa associação, embora não seja incorreta, emerge de uma tendência historicamente e politicamente construída que permite atribuir à natureza a culpa de todas as dificuldades enfrentadas na Caatinga. Em função dessa tendência, o bioma foi e ainda é apresentado como um espaço pobre em todos os sentidos, inclusive em termos de biodiversidade (BALDAUF, 2021).

Oliveira (2015, p.1), acrescenta que os “diversos programas de âmbito nacional e regional têm objetivado reduzir a pobreza e a problemática das secas prolongadas, assim como melhorar a disponibilidade de água na

Caatinga (Programa Água para Todos)". Mas será que toda a pobreza descrita, e os problemas ligados ao sertão, estão totalmente ligados a falta de água?

A preservação e restauração da biodiversidade do bioma caatinga, não se incluem constantemente nas políticas públicas, pois, o problema da escassez de água no semiárido, tem um destaque maior (MELO, 2020). O problema da seca existe, isso é notório, porém, não é única falta que a população sertaneja carece, a ausência de programas que direcionem e ensinem esses indivíduos sobre o enorme potencial de renda que o bioma caatinga pode conceder, resultaria em grandes resultados em relação a redução da pobreza nessa região. Olhar apenas para as dificuldades que a falta de água traz, impossibilita a criação de políticas públicas capazes de promover o aproveitamento da grande biodiversidade da caatinga de forma sustentável, possibilitando assim, o desenvolvimento agrícola de espécies nativas do semiárido e a geração de renda.

Com tantos processos de degradação, nota-se que ainda que seja rica socioambientalmente, a Caatinga não é valorizada como deveria. A falta de "valorização" e políticas públicas na região reflete-se em uma história marcada por "secas severas, miséria humana, banditismo rural, subserviência e arbitrariedade política (i.e. coronelismo)" [...], fatores que acabaram gerando um estereótipo negativo desse ambiente, sendo está uma das regiões menos conhecidas do país [...], percebendo-se a imensa necessidade de compreender suas dinâmicas ambientais, sociais e econômicas, para melhor conservá-la. (ARARIPE, 2020, p.19).

A valorização da caatinga é de extrema importância para que as comunidades, universidades e o governo, compreendam as possibilidades que esse bioma pode oferecer, tanto de conhecimentos sobre sua biodiversidade, como de valor cultural e econômico. Se a geração de renda com base no uso sustentável da caatinga, se propagar, as possibilidades de renda na região semiárida irão aumentar, e conseqüentemente, a migração nordestina e a desertificação serão reduzidas consideravelmente.

Nesse contexto, desenvolver o cultivo de fruteiras apropriadas, respeitando a natureza e que garanta produção para se alimentar e para vender, produzindo de forma diversificada, garantindo segurança alimentar e nutricional para as famílias agrícolas, como direito humano a alimentos saudáveis e de boa qualidade, culturalmente apropriados e em quantidade suficiente, tendo como base a agroecologia, vem nos últimos anos contribuindo para o

empoderamento e sustentabilidade das famílias e de suas unidades de produção (COSTA, 2011, p. 9).

Sem desmatar o bioma, dando lugar ao plantio de espécies não nativas, as frutas da caatinga, dão oportunidade de trabalho e renda para a população do semiárido. As fruteiras nativas que se destacam são: Umbuzeiro, Jenipapo, Maracujá da Caatinga, Caju, Mandacaru, entre outros. “Sabe-se que as frutíferas da caatinga são extrativistas, isto é, as pessoas não plantam as árvores e cuidam para futuramente realizarem a colheita, as espécies nascem livremente na natureza” (JESUS; MONTE, 2021, p. 5).

Diversas Cooperativas espalhadas pelo sertão, utilizam as frutas da caatinga como base para criação de doces, geleias, tortas, barras, compotas e frutas cristalizadas. Essas frutas que antes não possuíam valor agregado, sendo apenas vendidas em feiras livres in natura ou esquecidas em meio a caatinga, geram renda a inúmeros pequenos produtores. A Cooperativa Agropecuária Familiar de Canudos, Uauá e Curaçá (Coopercuc), garantem renda para diversas famílias do Sertão Baiano, através do umbu e o maracujá do mato ou da caatinga. “As frutas, com sabores marcantes, são os principais ingredientes de produtos de alta qualidade produzidos pela Cooperativa, que conta com o apoio do Governo do Estado por meio dos projetos Bahia Produtiva e Pró-Semiárido” (CRISPIM, 2021). Com a marca que recebeu o nome de Gravetero, essa Cooperativa produz doces em massa e cremosos, compotas, polpas, umbuzada e cervejas artesanais. “E assim o umbu colhido pelas extrativistas do sertão baiano e beneficiado na agroindústria da Coopercuc chega às prateleiras dos supermercados mais sofisticados do Brasil” (PNUD, 2019). Gerando segundo Crispim (2021), um faturamento que ultrapassa R\$ 3 milhões, e beneficia cerca de 270 famílias de agricultores.

A Cooperativa Ser do Sertão, fundada em 2008 no município de Pintadas, no interior da Bahia, é outro exemplo, sua criação veio com o objetivo de “viabilizar a comercialização de produtos da agricultura familiar. Ao mesmo tempo, as frutas nativas produzidas localmente foram introduzidas na merenda escolar em forma de polpa através de programas governamentais” (OLIVEIRA, 2015). Através da iniciativa de três mulheres, a Cooperativa Ser do Sertão se ampliou e atualmente promove não apenas geração de renda, mas

conscientização perante o valor que a natureza apresenta. O que antes não era cuidado, agora recebe proteção.

O trabalho, que começou artesanal, ganhou apoio de organizações públicas, privadas e da sociedade civil, como o WRI Brasil, para se tornar uma fábrica bem estabelecida, batizada de Delícias do Jacuípe. A agroindústria tem a capacidade de processar 2,4 toneladas de fruta por dia, que é a sua capacidade máxima, em alguns meses do ano. Além do umbu, viram polpa congelada frutas nativas da Caatinga com cajá-umbu e maracujá da caatinga, além de outras como acerola, manga e goiaba (FELIN, 2020).

No município de Olho D'Água do Casado-AL, também conhecida como a terra do caju, sua população possui uma ligação muito forte com essa fruta, sendo o sustento de uma parcela dos casadenses e o símbolo desse lugar. A produção e comercialização de doces e geleias de caju e umbu, pela Associação produtores doces casadenses, foi por muito tempo, gerador de renda para doceiras da região, mas que infelizmente teve um fim. Porém, a castanha de caju ainda possui seu espaço, sendo produzida e vendida por diversas famílias na entrada do município, outra alternativa de renda para algumas mulheres, é a confecção da vassoura de palha de Ouricuri, onde são vendidas para pequenos comerciantes ou para a própria população. Fotos da castanha de caju e da vassoura de palha de Ouricuri produzidas no município de Olho D'Água do Casado-AL, podem ser observadas na figura 7.

Figura 7- Castanha de Caju e Vassoura de Palha de Ouricuri



Fonte: GOMES, 2023.

Criado em 2017, o projeto do sistema Organização das Cooperativas Brasileiras Alagoas, nomeado de Central Roça cooperativa, incentivou o cooperativismo no Estado de Alagoas. Formada por nove cooperativas, como: EntreSerras (Água Branca), Coopeagro (Maragogi), Casf-Chã (Chã Preto), Pescoop (Povoado Lagoas Azeda-Jequiá da Praia), Coração do Agreste (Arapiraca), Coopgirau (Girau do Ponciano), Coopafas (Santana do Ipanema), Cooperlimo (Limoeiro de Anadia) e a Coopeapis (Povoado Piau-Piranhas), que foi legalmente registrada com o CNPJ em 2006, produz mel, insumos, licor de jenipapo e geleia de umbu (como mostra na figura 8).

Figura 8 – Geleia de Umbu da Coopeapis



Fonte: GOMES, 2023.

Em entrevista, uma das mulheres que fazem parte da Coopeapis (Cooperativa dos apicultores do sertão), fala sobre a produção da agricultura familiar em sua cooperativa:

“Aqui nós trabalhamos com umbu. Nosso projeto é de cooperativa e temos os nossos cooperados, que legalmente registrados são de 65 agricultores. Hoje estamos com projeto de central de roça cooperativa, que faz parceria com mais 8 Cooperativas, por enquanto, para venda de produtos”.

A valorização dos produtos de atividades agroextrativistas sustentáveis, promove a geração de renda sem danificações na biodiversidade vegetal da

caatinga, possibilitando assim, preservação e renda no sertão. A conscientização, cuidado e utilização dos recursos desse bioma, mantém a caatinga em pé, protegendo sua fauna e flora, tão rica em sabores, paisagens e plantas com benefícios medicinais, capazes de curar as feridas da alma e do corpo físico do sertanejo.

3.2 O uso de plantas medicinais da Caatinga no semiárido nordestino

O uso de plantas medicinais para a prevenção, alívio e cura de doenças, é a mais antiga prática medicinal. A arte de curar por meio das plantas medicinais, acompanha a humanidade desde os primórdios da civilização, e a preservação de tais informações, advém do acúmulo e repasse desses conhecimentos oralmente entre as gerações (ARAUJO; LEMOS, 2015, p. 126).

A tradição da utilização de plantas com fins medicinais, esteve presente na evolução do homem, e mesmo com o surgimento da medicina moderna, ainda é bastante utilizada. Isso acontece por dois motivos, o primeiro se apresenta devido à distância territorial que existe entre comunidades tradicionais e o acesso a atendimentos hospitalares, exames e até mesmo medicamentos, sendo a medicina tradicional, seu único meio de cura. O segundo motivo, deriva do uso cultural, sendo comunidades adaptadas ao uso de plantas com fins medicinais a diversas gerações, acarretando uma conservação de saberes populares. Por meio do conhecimento popular, os saberes medicinais são transmitidos e reproduzidos, porém, se os conhecimentos medicinais pararem de ser passados entre as gerações futuras, inúmeras plantas e suas ações de cura, poderão ser perdidas. “O preparo tradicional de remédios caseiros é um saber fazer de povos indígenas e comunidades locais, e pode ser considerado um “bem cultural imaterial” (UNESCO, 2003 apud MAGALHÃES et al., 2020, p.26).

No Brasil, o conhecimento dos índios, dos africanos e de seus descendentes está desaparecendo em decorrência da imposição de hábitos culturais importados de outros países, havendo um risco iminente de se perder essa importante memória cultural. Daí o interesse da indústria farmacêutica e de pesquisadores em se concentrar na busca de novos compostos extraídos das plantas, conscientes da importância das informações obtidas das práticas tradicionais (ALMEIDA, 2011 apud MAGALHÃES et al., 2020, p. 22).

No Brasil colonial, muitos foram os povos indígenas dizimados, e com eles, seus conhecimentos populares. Atualmente, o risco da eliminação dos conhecimentos associados as plantas medicinais, só cresce, pois, por meio do desmatamento e da desvalorização desses saberes pelas gerações atuais, acarretará a diminuição de espécies de plantas em áreas naturais, como ademais, sua identificação, preparação e para quais doenças possuem eficácia. O estudo de quais doenças as comunidades utilizam determinada planta, é de total relevância, dado que, não existe apenas uma forma de utilizar as ervas medicinais, cada população adquiria conhecimentos particulares de uso. “Apesar da riqueza da flora brasileira e da ampla utilização de plantas medicinais pela população, existe o consenso da insuficiência de estudos científicos acerca do assunto” (BRASIL, 2006, p. 10). Dito isto, é de extrema necessidade que registros sejam realizados, para que esses saberes tradicionais não se percam no tempo.

A investigação etnobotânica desempenha funções de grande relevância como agrupar informações sobre todos os possíveis usos de plantas, como uma contribuição para o desenvolvimento de novas maneiras de exploração dos ecossistemas que se oponham às formas destrutivas vigentes (SILVA; OLIVEIRA; ABREU, 2018, p. 3).

Outro aspecto que deve ser levado em consideração, são as substâncias encontradas em algumas espécies de plantas, que se utilizadas de forma incorreta, podem apresentar efeitos tóxicos. Havendo o registro e catalogação das plantas com fins medicinais utilizadas por populações diversas, saberes dotados do sendo comum, serão preservados, uma vez que, surgirá estudos científicos voltados a identificação e utilização correta dessas plantas, como a crescente fabricação de medicamentos fitoterápicos.

O estudo e a conservação da diversidade biológica da Caatinga é um dos maiores desafios da ciência brasileira. Há vários motivos para isto. Primeiro, a Caatinga é a única grande região natural brasileira cujos limites estão inteiramente restritos ao território nacional. Segundo, a Caatinga é proporcionalmente a menos estudada entre as regiões naturais brasileiras, com grande parte do esforço científico estando concentrado em alguns poucos pontos em torno das principais cidades da região. Terceiro, a Caatinga é a região natural brasileira menos protegida, pois as unidades de conservação cobrem menos de 2% do seu território. Quarto, a Caatinga continua passando por um extenso processo de alteração e deterioração ambiental provocado pelo uso insustentável dos seus recursos naturais, o que

está levando à rápida perda de espécies únicas, à eliminação de processos ecológicos chave e à formação de extensos núcleos de desertificação em vários setores da região (LEAL; TABARELLI; SILVA, 2003, p.14).

Entre as finalidades de maior exploração extrativista das plantas da caatinga, destaca-se o uso medicinal, uma vez que o seu potencial terapêutico é reconhecido há décadas (SOUZA, 2013, p. 92). O uso de plantas medicinais no sertão, é uma prática ainda muito utilizada por sua população, tendo construído conhecimentos sobre inúmeras espécies da caatinga e seus potenciais medicinais.

Na tabela a seguir, será exibido os resultados das entrevistas feitas à população do município de Olho D'Água do Casado- AL. Foram formuladas 7 (sete) perguntas direcionadas aos casadenses, visando conhecer as plantas medicinais da caatinga utilizadas, o modo de preparo, parte da planta usada e para quais doenças apresentam eficácia.

TABELA 2- Plantas com usos medicinais, citadas pelos entrevistados.

NOME POPULAR	NOME CIENTIFICO	USOS POPULARES	PARTE UTILIZADA/ MODO DE PREPARO
AROEIRA	Schinus terebinthifolia	Inflamações	Casca/Maceração
EMBIRA	Guazuma ulmifolia	Inflamações e pedras dos rins	Casca/Maceração
BRAÚNA	Schinopsis brasiliensis	Dor na coluna e reumatismo	Casca/Maceração
QUIXABEIRA	Sideroxylon obtusifolium	Inflamação na garganta	Casca/Maceração
BARBATIMÃO	Stryphnodendron adstringens	Inflamação no útero e garganta	Casca/Maceração
FLOR DA CATINGUEIRA	Caesalpinia pyramidalis	Gripe	Flor/Chá
BOM NOME	Maytenus rigida	Anemia	Casca/Maceração
MULUNGÚ	Erythrina velutina	Pressão alta e ansiedade	Casca/Maceração
IMBURANA DE CAMBÃO	Commiphora leptophloeos	Dor de barriga	Casca/Maceração
UMBURANA DE CHEIRO	Amburana cearensis	Gripe e sinusite	Casca/Maceração
ANGICO	Anadenanthera	Tosse e	Casca/Garrafada ou

	colubrina	pneumonia	maceração
MORORO	Bauhinia cheilantha	Colesterol alto	Casca/Maceração
MANDACARU	Cereus jamacaru	Febre e pedras nos rins	Polpa/Chá
ALECRIM DE VAQUEIRO	Lippia sidoides	Banho de limpeza espiritual	Folha/Infusão
JUREMA PRETA	Mimosa tenuiflora	Banho de limpeza espiritual	Casca/ Maceração
JUAZEIRO	Ziziphus joazeiro	Combate a caspa e a tosse	Casca/ A maceração gerará uma espuma que deve ser retirada sete vezes e utilizada
MARMELEIRO	Cydonia oblonga	Banho de limpeza espiritual	Folha/Infusão
AMEIXA-DA-CAATINGA	Ximenia Americana L	Infecções e gastrite	Casca/Decocção

Fonte: Dados coletados em campo.

Os banhos e garrafadas citados na tabela 2, são remédios naturais feitos por benzedeiros e benzedores ou indivíduos conhecedores dos benefícios medicinais das plantas, conhecidos como raizeiros. A partir da utilização dessas plantas medicinais, se constrói a cura através das “misturadas”, como popularmente os sertanejos chamam essas misturas de plantas.

Cidades do sertão, enxergam a caatinga como uma farmácia viva. Mas é totalmente perceptível como a medicina popular do Nordeste, é apenas reconhecida e valorizada por indivíduos com uma faixa etária entre 40 e 87 anos. Isso pode ser observado nas entrevistas realizadas no município de Olho D'Água do Casado-AL, que mesmo apresentando o uso de plantas medicinais da caatinga, ainda de forma expressiva, jovens com uma faixa etária entre 15 à 35 anos, não mostram domínio sobre tais saberes, resultando em futuras perdas, tanto da valorização do bioma, como do uso terapêutico dessas plantas.

Silva, Oliveira e Abreu (2018, p. 2), ressaltam:

Dentro da pluralidade da utilização de plantas, pode-se destacar a prática de uso de vegetais por rezadores, usualmente católicos, que em cujos rituais de rezas e benzeduras, integram o uso de certo vegetal para finalidades de ações terapêuticas nos processos ritualísticos.

Por meio da fé e das plantas espalhadas pela caatinga, as dores físicas e da alma dos sertanejos são amenizadas e curadas. É confiando nas mãos envelhecidas de mulheres sertanejas, que aprenderam a curar apenas possuindo um galho de planta na mão, rezas na mente e fé no coração, que a cura através da fé ganha forma. “[...] A utilização de plantas medicinais como prática terapêutica está disseminada nas famílias, incorporando, por vezes, simpatias e oração, num misto de credence e fé, herança dos pajés e dos jesuítas” (SILVA, 2003 apud MAGALHÃES et al., 2020, p. 24).

4 - BENZIMENTO: A MATERIALIZAÇÃO DA CURA ATRAVÉS DA FÉ NAS REZAS E NAS PLANTAS DO BIOMA CAATINGA

No Brasil, a existência da diversidade religiosa é explícita, pois, através da forte pluralidade cultural ao longo da formação social brasileira, surgiram religiões com características próprias. “Nesse contexto, os rituais de rezas e benzeduras se inserem como práticas alternativas de tratamento de problemas físicos e espirituais” (OLIVEIRA; TROVÃO, 2009; OLIVEIRA, 1983 apud OLIVEIRA et al., 2019, p. 12). A benzeção é um ofício de cura, desenvolvida a partir de uma religiosidade popular dotada da utilização de rezas e plantas, capazes de aliviar as dores que afligem os que acreditam nessa prática.

O princípio básico por trás da benzeção é a ideia de curar (mal físico ou espiritual) por meio da palavra, da oração, no qual o (a) benzedor(a) é um(a) intermediário(a) entre Deus, ou deuses, e aquele que se submete à cura (FLORESTA, 2016, p. 5).

O benzimento se origina da introdução forçada da religião do branco, perante a fé mística dos povos originários e negros africanos, onde veem nos espíritos de seus ancestrais e na presença sagrada na natureza, a construção de uma religiosidade mística. Como o benzimento é formado a partir da junção de conhecimentos populares, os saberes perante o uso de plantas medicinais para a cura de doenças, se desenvolveu a partir dos conhecimentos indígenas, como “também pelos africanos, e depois chegou ao conhecimento dos jesuítas que também passaram a usar. O que mostra mais uma vez o hibridismo cultural, construído na colônia” (OLIVEIRA, 2018, p.6). Sendo assim, trocas culturais foram realizadas e desenvolveram uma religião baseada no empírico e na magia.

O crescimento da religiosidade popular, no século XVIII, com traços católicos, africanos, indígenas e judaicos, favoreceu, ainda mais, o aumento do número de curandeiros, rezadores e benzedores que, com palavras mágicas e santas, procuravam curar os doentes e afastar os maus-olhados. (MIRANDA, 2017, p.295 apud OLIVEIRA, 2018, p.7).

O benzimento ainda se mantém vivo em muitos lugares, principalmente no Nordeste brasileiro. Sua propagação ocorre por meio de ensinamentos e pela vocação, passando as rezas de pessoas mais velhas, para pessoas mais

novas que aceitam essa prática de cura na sua vida. “A eficácia simbólica dessa prática está relacionada com alguns elementos que estão interligados: a crença no benzimento, na pessoa que o executa – detentora de um dom divino – e o reconhecimento da comunidade” (LÉVI-STRAUSS, 2008; LIMA, 2001 apud HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2015, p. 121). A relação com a natureza; uso comum de terras e pastos; ausência do Estado com garantia de acesso a saúde, foram os fatores que influenciaram a formação de benzedeiros e benzedoras.

Benzedoras e benzedores estão presentes na religiosidade indígena, negra, quilombola e do vaqueiro, podendo ser observadas nas mulheres quilombolas que praticam o benzimento, nos pajés que podem ser benzedores, nas religiões afro-brasileiras que apresentam o ritual da benzeção, como na crença dos vaqueiros, que até os dias atuais acreditam no ofício da benzeção e sua capacidade de curar suas dores e de seus animais.

No sertão, a figura de mulheres e homens que curam a população sertaneja de diversas doenças, vem a séculos sobrevivendo as mudanças sociais. Esse saber popular está presente na memória afetiva de inúmeros indivíduos que avistam nessa prática de cura, algo que a medicina moderna não alcança. Sua reprodução é passada entre as gerações, por meio da transmissão dos conhecimentos oriundos dos praticantes da benzeção para membros de sua família, porém, mesmo que tais conhecimentos sejam difundidos entre todos os indivíduos pertencentes ao núcleo familiar, nem todos irão exercer essa prática, isso pode ser justificado pela falta de vocação. Benzer não é apenas decorar rezas e fazer movimentos com as plantas, mas possuir uma fé dentro de si, acreditando nas rezas antigas ensinadas por seus entes queridos, e no poder do nosso criador, Deus.

A atividade de benzeção é alicerçada no sagrado. Benzer não é exatamente uma escolha; é antes uma obrigação. Quem o faz acredita piamente que recebeu um dom divino e que, por isso mesmo, precisa retribuir, auxiliando os outros em suas dificuldades. O dom pode ser revelado por um acontecimento “sobrenatural”, como uma visão, um sonho ou a superação de um grande obstáculo, ou ainda pode ser detectado por uma benzedora mais velha que transmite oralmente seu conhecimento para garantir a continuidade da prática (ARAÚJO, 2011; SANTOS, 2007 apud HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2015, p. 115-116).

A experiência de ser benzido é inexplicável, uma sensação de alívio não apenas no físico, mas na alma. Por apenas utilizar nas suas curas, a reza e o ramo, esse ofício apresenta ao seu redor, preconceito e admiração. A fé não é vista, apenas sentida, a cura vinda dessa prática pode ser explicada de forma semelhante, por meio da voz proferindo as rezas e o ramo formando uma cruz, a cura por meio da fé se materializa no bem-estar do corpo e do espírito.

4.1 Etnografando os rituais de cura de benzedeadas e benzedores do município de Olho D'Água do Casado-AL

A etnografia, procura fazer o estudo de uma cultura ou modo de vida a partir da visão de seus participantes. Dessa forma, busca aprender e compreender os “mundos” de outras pessoas, entender como as outras pessoas vêem as suas experiências. Pondo de lado nosso etnocentrismo socialmente herdado e nosso background cultural. A perspectiva de outros seres humanos que vivem através de sistemas de significado diferentes pode ser o caminho para entender as diferenças culturais que nos tornam seres humanos (BOVO, p. 1).

A vista disso, busca-se conhecer o mundo das benzedeadas e dos benzedores, compreendendo de maneira profunda essa arte de cura, tão cativante e intrigante. Descrever o ritual de cura feito pelas benzedeadas e pelos benzedores, é um ponto importante dessa pesquisa, para isso, o interlocutor precisa enxergar pelos olhos dessas mulheres e homens, esquecendo suas crenças e modo de vida. “O ato de pesquisar traz em si a necessidade do diálogo com a realidade a qual se pretende investigar e com o diferente, um diálogo dotado de crítica, canalizador de momentos criativos” (JOSÉ FILHO, 2006, p.64).

Para alcançar as respostas das problemáticas colocadas em destaque, essa pesquisa é de natureza etnográfica e método de observação participante, onde almeja retratar os rituais de cura e plantas medicinais utilizadas, para assim, analisar quais motivos levam os jovens atuais a não se introduzirem ao mundo da benzeção e aprender o poder medicinal das plantas da caatinga. Para compreender essa cultura religiosa, ir a campo foi de suma importância, com abordagem qualitativa, buscou-se por meio de questionários aplicados em campo, compreender as crenças, opiniões e representações que benzedeadas e os benzedores no município de Olho D'Água do Casado-AL apresentam, como o olhar que jovens casadenses possuem perante essa arte de cura.

Estudar os rituais de cura de benzedeadas e benzedores, é conhecer a história do povo brasileiro e suas diversas miscigenações religiosas. Assim, esses homens e mulheres poderão apresentar essa arte, que possui base empírica, para uma sociedade que aprendeu a crer apenas nas comprovações científicas. Essa prática é um patrimônio cultural que carrega consigo as histórias de povos, suas lutas travadas e a fé característica de cada indivíduo.

Posto isto, te convido a enxergar pelos olhos de outras pessoas e, juntos vivenciarmos essa prática de cura. Será abordado as rezas, plantas medicinais utilizadas na prática da benzeção (ramo), como também as doenças que são curadas pelas benzedeadas e pelos benzedores casadenses.

4.1.1 A reza e o ramo

A transmissão desse saber é desenvolvida por meio da oralidade, pois é através do ouvir, aprender e reproduzir, que as rezas foram repassadas entre as gerações. Com o tom de voz baixo, benzedeadas e benzedores proporcionam a cura por meio de rezas, plantas e fé. Para cada doença, existe uma reza específica, por isto, alguns praticantes da benzeção apresentam apenas o domínio de curar as doenças nas quais as rezas lhe foram ensinadas, conseguindo assim, estabelecer o equilíbrio físico e espiritual.

No ritual da cura há semelhanças, mas também diferenças. Isso porque “cada benzedeadas possui um rito próprio, uma maneira singular de benzer, mesmo quando se trata da mesma benzeção. Essa singularidade a torna ainda mais fascinante, uma vez que presenciamos várias maneiras de se alcançar o mesmo objetivo: a cura através da fé” (NOGUEIRA; Versonito; Tristão, 2012, p. 169 apud Hoffmann-Horochovski, 2015, p.118).

As doenças que benzedor cura, são enfermidades curadas apenas por meio das rezas, ou seja, sua cura é materializada por intermédio do ato de benzer. Mesmo possuindo nomes não tão conhecidos por jovens, essas doenças continuam sendo curadas por benzedeadas e benzedores, mesmo com a medicina moderna inserida na sociedade, esse ofício faz parte da tradição de inúmeros povos.

TABELA 3 – Doenças que Benzedor Cura

DOENÇAS DE BENZEDEIRA		
DOENÇAS	SINTOMAS	CAUSAS
OLHADO	Dor no corpo, vomito e diarreia.	Inveja.
ESPINHELA CAÍDA	Dor nas costas e no peito, falta de ar.	Esforço físico.
SOL E SERENO	Dor de cabeça e tontura.	Levar muito sol.
FOGO SELVAGEM	Bolhas de água.	Sem causas comprovadas.
ISIPA	Vermelhidão, queimação e dor	Enfermidades.
VENTO CAÍDO	Diarreia verde.	Colocar a criança na altura da cabeça, medos e sustos.

Fonte: Dados coletados em campo.

Nas entrevistas, o benzedor G.S explana as doenças que suas rezas curam: olhado, dor de barriga, dor de cabeça e dor de mulher (cólica), já a benzedeira C.S, reza em doenças como: olhado, espinhela caída, quebrante e dor de cabeça. A benzedeira R.V, fala sobre as doenças que reza e, como a fé possibilita a cura:

“Quando as pessoas estão com muita dor no corpo, quando as pessoas estão com dor de cabeça, quando as pessoas estão com mal pensamento, a gente reza e pede ao divino pai eterno, que de bom pensamento, boa memória, palavras do bem, para curar aquela doença, pelo sangue que Jesus derramou na cruz por nós, cure aquela dor e aflição que aquela pessoa está passando, aí com a fé que a pessoa tem, aquilo é curado, como a dor de cabeça, uma dor que está no corpo, é assim minha filha”.

É preciso ressaltar, que dois dos benzedores entrevistados, não rezam em suas residências, como acontece em muitos casos. Eles são abordados enquanto andam pelas ruas da cidade e, são chamados por moradores que precisam do seu ofício de cura. Abaixo, seguem as palavras sussurradas na reza de olhado, visando compreender o poder da palavra que se une com a fé.

REZA DE OLHADO (RAMO: PINHÃO-ROXO)

Criatura, eu te sento à mão, com um que botaram, com dois eu te tiro, com dois que botaram, com três eu te tiro, sai quebrante, sai olhado, sai o olho mal, sai dor de cabeça, dor de pontada, dores causadas, se retire de (nome da pessoa que está sendo rezada) e vá para as ondas do mar sagrado, com o poder de nosso senhor Jesus Cristo, (nome da pessoa que está sendo rezada) vai ficar curado de todo mal e todos os perigos. Jesus quando andou no mundo, andou curando e retirando olhado, olho gordo, olho grande, todo mal e

todos os perigos e, ele jogou nas ondas do mar sagrado. Com o poder de nosso senhor Jesus Cristo, (nome da pessoa que está sendo rezada) vai ficar curado. Pai nosso que estais no Céu, santificado seja o vosso nome; venha a nós o vosso reino, seja feita a vossa vontade assim na Terra como no Céu. O pão nosso de cada dia nos daí hoje; perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido; e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal. Amém. Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco; bendita sois Vós entre as mulheres, e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós os pecadores, agora e na hora de nossa morte. Amém. Ofereço esse Pai nosso com Ave Maria e Santa Maria, em intenção do anjo da guarda de (nome da pessoa que está sendo rezada), que retirando todo mal e todos os perigos, do corpo, da pele, dos ossos, e tudo que a flagela o (nome da pessoa que está sendo rezada), vá para as águas do mar sagrado, com o poder de nosso senhor Jesus Cristo ele vai ficar curado, do mal e de todos os perigos. Deus quer e, Deus pode. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Com seus três galhos de pinhão-roxo na mão (figura 9), a benzedeira C.S reza de olhado, colocando toda fé nas palavras ditas, quase sempre em voz baixa. Ao final da reza, a mesma mostra os galhos e relata, “se os três galhos murcharem, três pessoas colocaram olhado, dois galhos, duas pessoas colocaram olhado, um galho, uma pessoa colocou olhado, as vezes uma reza apenas não dar jeito, tem que vim rezar mais vezes”.

Figura 9 – Ramo de Pinhão-roxo



Fonte: GOMES, 2023.

“Segundo a crença popular, as folhas do ramo, que exalam um forte odor principalmente se maceradas, quando usadas para benzer ficam murchas porque recebem o malefício que estava no doente” (NERY, 2006, p.5). Assim, ao final de cada reza, o ramo deve ser jogado fora e galhos novos precisam ser inseridos nas outras benzeções, isso deriva da absorção das energias negativas que o ramo recebe, para que assim, essa energia negativa não entre na benzedeira/benzedor. Como o benzedor utiliza o ramo, Deus opera milagres por meio do benzedor, os galhos de plantas utilizados pelas benzedeiros/benzedores entrevistados foram: a vassourinha verdinha, folha de manjerição, pinhão-roxo, arruda e folha de alecrim da flor branca, que hoje chamam de moringa. Segundo a benzedeira C.S, qualquer ramo (planta) pode ser utilizado na cura de qualquer doença, pois, o que realmente cura é a reza e a fé, não o ramo, ele apenas impede que o mal venha até o benzedor.

A utilização de plantas medicinais da caatinga, não são apenas vistas no manusear de ramos (plantas), mas estão presentes em chás, banhos e garrafadas passadas das benzedeiros/benzedores para a população casadense.

4.2 Presença, representação e resistência de benzedeiros e benzedores casadenses

A presença da benzeção em cidades do interior de Alagoas, ainda se mantém viva. Mesmo com inúmeros medicamentos, essa prática continua presente na vida e no coração dos que cresceram observando e vivenciado esse ofício. Resistência é o que fez com que essa prática ainda esteja presente em diversos municípios alagoanos, como no município de Olho D'Água do Casado-AL, que mesmo detendo de poucas benzedeiros e benzedores em sua região, se comparado com anos atrás, essa forma de cura ainda é muito procurada e praticada.

Em entrevistas realizadas, observou-se como benzer se tornou uma forma de resistir ao preconceito e transmitir o amor e cuidado. Não se escolhe ser benzedeira e benzedor, essa arte te escolhe, e como se negar a isso? Infelizmente, muitos jovens dessa geração, procuram não se aprofundar dessa prática de cura, não apenas por falta de devoção, mas por inúmeras vezes, não

ter a força de aguentar a forma preconceituosa que esse ofício de cura ainda sofre em dias atuais. Ser benzedeira e benzedor, é se acostumar com olhares de admiração e preconceito, como palavras doces e amargas, é um misto de emoções.

Através de questionários aplicados para jovens de 16 a 25 anos, observou-se que embora possuam membros da sua família ou conhecidos que praticam a benzeção, os mesmos alegam que não pretendem praticar essa arte de cura, isto pode ser explicado por tais motivos: preconceito ainda existente, falta de vocação e de não acreditar nessa prática de cura, que é influenciado pelo afastamento da natureza/terra, pelas transformações no modo de produção e nas relações de trabalho (inquisição, colônia e dias atuais); maior presença do Estado e o crescimento/espalhamento das igrejas evangélicas. Quando perguntados sobre o motivo dessa prática ainda existir até os dias atuais, as seguintes respostas foram ditas:

- “A procura das pessoas por essa arte de cura”. (I.F, 16 anos).
- “Pela fé das pessoas, porque quem cura não é o benzedor, e sim Deus”. (V.M, 17 anos).
- “Por tradição e fé”. (M.S, 16 anos).
- “Muita fé”. (G. F, 22 anos).
- “A cura, por essa forma que existe ainda; sendo algo que vem passado por geração para geração. As benzedeiros, retiram aquilo que alguém nos coloca, com reza”. (W. R, 21 anos).
- “Pelo fato, das pessoas ainda terem fé em Deus e nas curas” (Q.N, 21 anos).
- “Principalmente pela crença das pessoas” (R.P, 19 anos).
- “Para a cura das pessoas” (P.S, 22 anos).
- “Por que existe doenças que só cura com reza, médico não dar jeito, apenas benzedor” (F.G, 25 anos).

Nesse sentido, percebe-se que embora tenham o entendimento da importância da benzeção, esses jovens casadenses não apresentam vontade de preservar essa arte de cura, sendo assim, as benzedeiros e benzedores não terão como passar para as futuras gerações, as rezas e plantas que seus avós, tios e pais os ensinaram.

O benzedor G.S de 54 anos, relata que aprendeu o ofício da benzeção com 12 anos de idade, ensinado pela sua mãe. De seis irmãos, apenas G.S e um dos seus irmãos mais novos, aprenderam essa prática. Quando perguntado sobre seus filhos, e se algum deles aprenderam ou pretendem aprender esse ofício, o mesmo alega que nenhum deles querem aprender, isso devido à falta

de vocação e preconceito existente. Em relação ao seu irmão, ele relata que não se casou e nem teve filhos.

A benzedeira R.V de 59 anos, conta como foi sua integração ao ofício da benzeção:

“Eu aprendi a rezar com minha bisavó, foi ela que me ensinou a oração de Nossa Senhora de Belém. Por aí eu comecei a rezar, pela fé e pela dor que Nossa Senhora de Belém, sofreu na cruz pelo seu amado filho, Jesus. Quando comecei a rezar, eu tinha 20 anos de idade, quando minha avó não podia rezar, ela mandava eu rezar de olhado, vento caído, dor de cabeça, aí eu rezava nas pessoas. O que cura é a fé e o amor que a gente tem no coração por aquela santa, pelo divino pai eterno que fez o céu e a terra, e com a fé a gente é curado”.

A senhora R.V tem sete filhos e nove netos, mas nenhum deles se tornaram benzedeira e benzedor, segundo ela, eles confiam nas orações, porém, não praticam o ofício. Ela ainda acrescenta: *“Hoje é tudo diferente, hoje tem médico, a tecnologia é diferente do que era antigamente, onde a gente corria atrás de remédio do mato e reza, por isso, tem poucas pessoas que rezam”.* Quando perguntado a um de seus netos sobre o motivo da sua não integração ao ofício da benzeção, o mesmo alega, que ver como as pessoas falam e tratam sua avó, e as consequências que esse preconceito pode causar, já que a mesma, adquiria ansiedade e início de depressão devidos aos ataques verbais sofridos.

A benzedeira C.S de 62 anos, aprendeu o ofício com sua avó, também benzedeira, com apenas 11 anos de idade, mas iniciou de fato a rezar nas pessoas, com 13 anos de idade. Dos indivíduos pertencentes ao núcleo familiar da senhora C.S, apenas ela se identificou com essa arte de cura, transmitida por sua avó. Teve dois filhos do seu primeiro casamento, mas nenhum deles tiveram interesse de aprender essa arte de cura, segundo ela, eles seguiram outros caminhos.

A senhora C.S relata que muitas pessoas das cidades circunvizinhas, vem ao seu encontro em busca do poder de cura das suas rezas. Ao ser questionada sobre o motivo de tantas pessoas de outros municípios há procurarem, ela afirma que as benzedeiiras/benzedores da região, estão cada vez mais raros de se encontrar.

Todas as benzedeiros/benedores entrevistados nessa pesquisa, resistem ao tempo. E representam a cura para diversos casadenses, sem cobrar nada por isso, mas podendo receber agrados, como itens da cesta básica e carne de galinha para sua alimentação e de família, seguram seus galhos de plantas e levam para longe todas as dores que afligem o corpo e alma dos que confiam na cura por meio da benzeção. Sua representação para alguns dos entrevistados, podem ser definidas da seguinte forma: *“Representam a ajuda, sendo pessoas boas que procuram ajudar na cura de doenças por meio unicamente da fé”*.

Algo que merece ser mencionado, é o fato de algumas pessoas procurarem benzedeiros e benzedores e pedirem sigilo. Isso demonstra como o preconceito afeta não apenas os que praticam a benzeção, mas os que procuram essa arte de cura também. Muitos indivíduos, até mesmo de outras religiões, acreditam nessa forma de cura, porém, preferem não se inserir nesse mundo ou usufruir dos seus benefícios de forma discreta, com medo dos olhares maldosos.

4.3 “A CAÇA AS BRUXAS”: Análises decoloniais diante da intolerância religiosa sofrida por benzedeiros e benzedores do sertão alagoano

Por meio do eurocentrismo, construiu-se uma forte herança cultural europeia, ocasionando o espelhamento de crenças, estilo de vida e valores sociais. A Europa transmitiu para a colônia brasileira sua visão de mundo, impossibilitando a conservação de mundos sociais distintos ao que o colonizador europeu defendia.

A religião e a coroa representavam duas formas de poder, detentores da verdade e da ordem. Através da religião católica, os povos indígenas foram dominados por meio da fé (catolicismo) e os negros africanos pela espada (violência). Independente de qual forma de controle utilizasse perante determinado povo, o propósito era escravizar o corpo e a alma, obtendo servos de trabalho e reza, construindo um temor diante da cruz e da espada.

Mesmo com a introdução da religião cristã no mundo indígena, suas manifestações religiosas ainda apresentavam traços da sua santidade, onde o “[...] uso de instrumentos musicais, ídolos indígenas, e manifestações da

cultura indígena” (LAURA MELLO DE SOUZA, 1986 apud OLIVEIRA, 2018, p.3), ainda se mantiveram presentes.

Quanto às religiões de raízes africanas, não aconteceu diferente, por meio de muita resistência os africanos e seus descendentes buscavam oportunidade de cultuar suas crenças, já que a única religião aceita a ser cultuada era a cristã. Toda e qualquer manifestação que não fosse cristã era proibida oficialmente, diante disso os africanos utilizavam as oportunidades que tinham para resistir à imposição cristã, colocando um pouco das suas crenças nas manifestações religiosas do cristianismo (OLIVEIRA, 2018, p.4).

Por meio do sincretismo religioso, as crenças indígenas e de matrizes africanas resistiram à toda imposição feita pelo cristianismo, preservando assim, sua crença cultural. “Mas os esforços para separar o cristianismo da religiosidade pagã não se deram de forma pacífica. As pessoas que faziam uso da religiosidade de forma sincrética foram duramente reprimidas com muita violência” (OLIVEIRA, 2018, p.6). Mesmo com as imposições feitas diante de tais religiões, o sincretismo religioso foi a chave para que houvesse a permanência dessas religiosidades em meio a soberania da religião católica.

Através do “meio-termo”, houve a criação de uma religiosidade dotada de pedaços culturais de distintas religiões, como o benzimento, que apresenta características únicas e ao mesmo tempo semelhantes a religião católica, indígena, judaica e de matrizes africanas. Por meio da união de tudo aquilo que o clero oficial buscou por séculos aniquilar, criou-se indivíduos cheios de simbolismo, que representa esse mundo social de identidades próprias. Infelizmente, tudo que se contém aspectos distintos ao que uma camada social defende, é oprimido e aniquilado por completo, mesmo possuindo traços semelhantes, o que sempre será aceito é o igual, nada além disso, será respeitado.

[...] A partir do final do século XVI, chega-se à colônia “a caça às bruxas”, que perseguia pessoas acusadas de bruxaria, e feitiçaria, para interroga-las e até condena-las. O tribunal do santo ofício, caçava também, rezadores(as), benzedores(as), pois visto que possuíam muitos conhecimentos, mágicos, de invocação, e cura, foram tidos como bruxos(as) e feitiçeiros(as). Com a prática dos(as) benzedores(as) proibidos, eles(as) já não podiam exercer seu ofício como antes, o que acarretou na diminuição do número de benzedores(as), mas ainda assim continuava-se a aumentar o número de pessoas que recorriam aos serviços da “medicina popular”, ou seja, do ofício dos(as) rezadores(as). Isso mostra que tipo de

relação essas pessoas tinham com a comunidade em que viviam. (MIRANDA, 2017, p. 294 apud OLIVEIRA, 2018, p.7-8).

Assim, inicia-se a perseguição ao incomum, que mesmo possuindo rezas, não se enquadrava fielmente a religiosidade cristã do colonizador. “As benzedeadas e curandeiras passaram a serem alvo da inquisição, mesmo tendo muitas manifestações e rezas de origem cristã no ofício das rezadeiras, ainda havia muitas contribuições/práticas religiosas de outras religiões” (OLIVEIRA, 2018, p.8).

Até em dias atuais, os praticantes da benzeção são chamados de bruxa/bruxo ou macumbeira/ macumbeiro. Esse racismo criando no período colonial, criou uma discriminação transmitida e preservada por diversas gerações. Segundo Oliveira (2018, p.8), “as palavras e ritos manifestados pelas rezadeiras, foram considerados como inspiração demoníaca, diante disso as rezadeiras e curandeiras eram consideradas bruxas e feiticeiras pela inquisição”.

O racismo ainda presente diante dessa prática de cura, é perceptível na fala da benzedeadas casadense R.V de 59 anos, *“já sofri muito, já chorei, já tive começo de depressão do povo me atacar, dizer que eu era, falava uma palavra muito feia. Mas eu só confio em Jesus, que eu nunca fiz nada de errado”*. Mesmo sofrendo inúmeros insultos, a senhora R.V segue firme na sua missão. Enquanto recebe ódio, transmite amor, nunca negando a cura ou alívio que sua arte de cura consegue realizar.

A intolerância religiosa sofrida por benzedeadas e benzedores do sertão alagoano, é resultante da colonialidade do saber, que deriva de "um legado epistemológico do eurocentrismo que nos impede de compreender o mundo a partir do próprio mundo em que vivemos e das epistemes que lhes são próprias" (Porto-Gonçalves, 2005, p.4). Diante disto, o pensamento decolonial, busca arrancar as máscaras costuradas na face humana, propondo olhar para seu mundo, sem a arrogância e ilusão de soberania do europeu. “A atitude decolonial é o “grito de espanto” que ocorre individualmente, ou seja, é a atitude do próprio sujeito frente ao horror da colonialidade em busca de mudanças quanto às colonialidades do saber, do ser e do poder” (OLIVEIRA; LUCINI, 2021, p.4).

Por meio do rompimento de certos preconceitos religiosos enraizados na cultura brasileira, através da colonialidade. A escolha da religião que define cada indivíduo, poderá ser feita apenas levando em consideração suas ideais e crenças próprias. Escolher como praticar sua fé, não deve ser ao imposto por determinada sociedade, mas algo que se forma de maneira individual. Cada indivíduo tem o poder de escolher como cultuar sua fé, oprimindo e agredindo determinadas religiões, mostra que não superamos o período colonial. Vivemos a sombra do colonialismo, não conseguindo quebrar as correntes desse mundo social que nos foi inserido.

Espera-se que a colonialidade do saber, do ser e do poder, seja realmente aniquilado por completo. Para que assim, o oprimido saia da escuridão e encontre a luz de ser realmente quem é, englobando seus valores, crenças e modo de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da formação territorial do sertão nordestino, saberes medicinais e crenças religiosas se unificaram, originando um ofício que une rezas, plantas e magia. O benzimento é uma arte simbólica que representa um mundo social criado no período colonial, mesmo ganhando forma desse período, o benzimento não foi algo que o colonizador buscou criar, pelo contrário, a benzeção é um reflexo da resistência de diversas religiões, diante da imposição forçada da religião católica. Assim sendo, mesmo possuindo característica do cristianismo, essa arte de cura não foi respeitada e integrada à religião católica, mas repudiada, iniciando assim, a caça às bruxas.

Em nenhum momento, buscou-se enaltecer determinada crença, mas, mostrar como a diversidade religiosa pode ser magnífica. As escolhas dos indivíduos não poderiam ser decididas por uma camada social dita como superior, mas algo particular de cada ser humano. Essa pesquisa tem como principal foco, mostrar que o diferente não deve ser afastado e oprimido, mas puxando para perto de si e, seu mundo decifrado.

Buscou-se também apresentar, as potencialidades de renda e saúde encontradas no sertão. O sertanejo não precisa ir em busca de melhores condições de vida em outras regiões no Brasil. Através da produção de doces, mel, licor e geleias; o sertanejo consegue se manter em território, obtendo uma renda parcial ou completa, apenas utilizando como matéria-prima as frutas e abelhas nativas da caatinga.

Houve a percepção que a caatinga não é sinônimo de seca e pobreza, mas de riqueza cultural e medicinal. Através das entrevistas em campo, percebeu-se o grande acervo medicinal desse bioma e, como esses saberes são pertencentes a uma faixa etária específica. Em vista disso, a falta de interesse de jovens casadenses por esses saberes medicinais, poderá ocasionar perdas futuras desses conhecimentos empíricos, pois, o seu congelamento em uma determinada geração, apresentará seu desaparecimento. Por isto, é de total importância e relevância que estudos com foco em registros da medicina tradicional, sejam realizados, para que assim, se eternize saberes que fazem parte da cultura sertaneja, como também, apresente novas possibilidades de matéria-prima para a indústria farmacêutica.

Benedeiras e benzedores são indivíduos detentores de um alto saber medicinal, a utilização das plantas medicinais pode ser observada dos ramos (plantas), como na produção de banhos, chás e garrafadas.

Diante disso, conclui-se que as perdas de praticantes da benzeção no município de Olho D`Água do Casado-AL, são justificadas pela falta de vocação, opressão e medo que esses indivíduos apresentam, buscando negar o seu dom divino, para se adaptar aos moldes estabelecidos por outras crenças. A fé não deveria ser padronizada, mas sentida, independente de qual religião determinado indivíduo esteja integrado, sua fé não deveria ser questionada, apenas aceita e respeitada.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Adriano da Silva. **Qualidade, compostos bioativos e atividade antioxidante total de pedúnculos de cajuzeiros e frutos de umbuzeiros nativos do semi-árido do Piauí.** 2009. Tese (Doutorado em Agronomia:Fitotecnia) – Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Mossoró-RN, 2009.
- ANDRADE, João T.; SOUSA, Carlos Kleber Saraiva de. **Práticas indígenas de cura no Nordeste brasileiro: discutindo políticas públicas e intermedicalidade.** Anuário Antropológico, v. 41, n. 2, p. 179-204, 2016.
- ANDRADE, M.C. **A terra e o homem no Nordeste: Contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste.** 5 ed., São Paulo: Atlas, 1986, p. 149-150.
- ANTÔNIO FILHO, Fadel David. Sobre a palavra “Sertão”: origens, significados e usos no Brasil (do ponto de vista da Ciência Geográfica). Revista Ciência Geográfica. Bauru (SP), Vol. XV – (1): Janeiro/Dezembro, p.84-87, 2011.
- ARARIPE, Fátima Aurilane de Aguiar Lima. **Efetividade de gestão de áreas protegidas na depressão sertaneja setentrional seus efeitos sobre a conservação da caatinga.** 2020. 155f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Centro de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.
- ARAUJO, J. L.; LEMOS, J. R. **Estudo etnobotânico sobre plantas medicinais na comunidade de Curral Velho, Luís Correia, Piauí, Brasil.** Biotemas, v.28, n.2, p.125- 136, 2015.
- ARAÚJO, Maria Pereira de et al. **Levantamento de espécies vegetais da Caatinga com potencial medicinal comercializadas no município de Sumé, Cariri paraibano.** Anais do Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental e Sustentabilidade - Vol. 5: Congestas 2017.
- ARRAES, ESDRAS. **Caminhos do gado: paisagem cultural e urbanização de cidades do sertão nordestino dos séculos XVII e XVIII.** I Colóquio Iberoamericano Paisagem cultural, patrimônio e projeto, 2010.
- ARRAES, Esdras. **Curral de reses, curral de almas introdução à urbanização dos “Certos” das capitâneas do Norte (séculos XVII-XIX).** Rev. Inst. Estud. Bras. [on-line]. 2014, n.58 [citado 2014-07-07], pp. 51-77. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0020-38742014000100004&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 2316-901X. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i58p51-77> .
- BALDAUF, Cristina. **O sertanejo é, antes de tudo, um catingueiro.** NEXO JORNAL. 2021. Disponível em:< <https://pp.nexojornal.com.br/opinia0/2021/O-sertanejo-%C3%A9-antes-de-tudo-um-caatingueiro> >. Acesso em: 29 mai. 2022.

BOVO, Nínive Magdiel Peter. **Uma cultura estudando cultura a etnografia como metodologia de pesquisa.**

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. **A fitoterapia no SUS e o Programa de Pesquisa de Plantas Medicinais da Central de Medicamentos.** Brasília, 2006. 147 p. (Série B. Textos Básicos de Saúde).

CAVALCANTI, M. L. C; BENICIO, P. C. N. **Cultura Nordestina: Tradição do Vaqueiro e Pega de Boi no Mato Resiste no Semiárido.** In: II Congresso Internacional da Diversidade do Semiárido - CONIDIS, 2017, Campina Grande - PB. II Congresso Internacional da Diversidade do Semiárido. Campina Grande - PB: Realize Editora, 2017.

COSTA, Diego Pedro Aires da. **Quilombo: Luta e resistência dos negros/as na formação social do Brasil.** 2016. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

COSTA, T. P. FRUTAS DA CAATINGA: **Gerando Sustentabilidade em Áreas Recaatingadas do Semiárido.** 001. ed. JUAZEIRO BA: Editora e Gráfica Franciscana Ltda, 2011. v. 500. 51p.

CRISPIM, Maristela. **Produtos feitos com frutos da Caatinga geram renda para agricultores familiares.** ECO NORDESTE. 2021. Disponível em: <https://agenciaeconordeste.com.br/produtos-feitos-com-frutos-da-caatinga-geram-renda-para-agricultores-familiares/> . Acesso em: 18 jun. 2022.

CRUZ, João. **Comentários sobre o catolicismo popular.** 2008. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/comentarios-sobre-o-catolicismo-popular/11418>>

DANTAS, Beatriz Gois et. Alli. **“Os Povos Indígenas no Nordeste Brasileiro: Um Esboço Histórico.”** In, CUNHA, Manuela Carneiro da. (org.) História dos índios no Brasil, 2ª ed., São Paulo: Cia. Das Letras/ Secretaria Municipal de Cultura/FAPESP, 1992, pp. 431- 456.

ELIZ, Simone. **Do sagrado ao profano: a fé do Nordeste.** Paraíba Criativa, 2020. Disponível em:< <https://www.paraibacriativa.com.br/do-sagrado-ao-profano-a-fe-no-nordeste/>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

FELIN, Bruno. **Silvany Lima: A sertaneja que colhe dinheiro das árvores.** WRI BRASIL. 2020. Disponível em:< <https://www.wribrasil.org.br/ascardarestauracao/silvany-lima-restauracao-caatinga-umbu>> . Acesso em: 15 jul. 2022.

FILHO, J. C. A. **Relação solo e paisagem no Bioma Caatinga.** In: XIV SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA (Dourados). Dinâmicas socioambientais das inter-relações à interdependência. 14. ed. Dourados: UFGD, 2011. Disponível em:

<http://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/handle/doc/896995> . Acesso em: 24 set. 2022.

FLORESTA, Suzana Rodrigues; SOUZA, Taise Meira. **A saúde pública e as benzedoras de Iporá, Goiás**. CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO, p. 142, 2022.

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, Marisete Teresinha. **Benzeduras, garrafadas e costuras: considerações sobre a prática da benzeção**. Guaju- Revista Brasileira de Desenvolvimento Territorial Sustentável, v. 1, n. 2, p. 110-126, 2015.

IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. 2021. **Fortalecimento da gestão ambiental no bioma Caatinga: proposta de Resolução CONAMA para promover o uso sustentável da Caatinga por meio do manejo florestal**.

INSTITUTO SOCIEDADE, POPULAÇÃO E NATUREZA. **Povos e Comunidades Tradicionais da Caatinga**. 2019. Disponível em: <<https://ispn.org.br/biomas/caatinga/povos-e-comunidades-tradicionais-da-caatinga/>> . Acesso em: 29 mai. 2022.

JESUS, Sebastiana Josina de; MONTE, José Pinheiro do. **Uso de frutos da caatinga: Breve análise da importância e utilização para os moradores de Umã, Salgueiro, Pernambuco, Brasil**. 2021. JOSÉ FILHO, Mário; DALBÉRIO, Osvaldo. (Org.). Desafios da pesquisa. Franca: Ed. UNESP FHDSS, 2006.

JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. **Frei Damião: por que o Nordeste precisa de santos?**. Diário do Nordeste. 2021. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/opiniao/colonistas/durval-muniz-de-albuquerque-jr/frei-damiao-por-que-o-nordeste-precisa-de-santos-1.3157366> . Acesso em: 29 mai. 2022.

JÚNIOR, Francisco de Carvalho Nogueira et. al. **Avaliação quali-quantitativa das cercas de madeiras em propriedades rurais na Caatinga do Vale do São Francisco-Bahia: uma estratégia para o manejo e conservação**. Gaia Scientia, João Pessoa, PB, v. 10, n. 4, p. 516-540, 2016.

JÚNIOR, G. A.S. **Educação Inclusiva e Diferenciada Indígena**. Psicologia Ciência e Profissão, Brasília - Distrito Federal, v. 1, p. 40-49, 2000.

LEAL, Inara Roberta; TABARELLI, Marcelo; SILVA, Cardoso da. **Ecologia e conservação da Caatinga**. Editora Universidade UFPE, 2003.

LEONEL, Francisco Lucas de Sousa. **Entre a fé e a devoção ao conselheiro nordestino: a busca e veneração a Frei Damião na cidade de São José da Lagoa Tapada-PB entre os anos de 1975 a 1985**. 2022. 70f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Centro de Formação de

Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, Paraíba, Brasil, 2022.

LINDOSO, Dirceu. **O grande sertão: os currais de boi e os índios de corso**. Brasília: F.A. Pereira, 2011.

LIPORACCI, Heitor Suriano Nascimento. **Plantas Medicinais e Alimentícias na Mata Atlântica e Caatinga: Uma revisão bibliográfica de cunho etnobotânico**. 2014.

LÓSSIO, Rúbia; VAINSENER, Semira Adler. **Santos Católicos Não-Canônicos no Nordeste do Brasil**. 2006. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=420%3Asantos-catolicos-nao-canonicos-no-nordeste-do-brasil&catid=53%3Aletra-s&Itemid=1>. Acesso em 15. nov. 2022.

LYRIO, Alexandre. **Em isolamento, devotos do Candomblé evocam orixá da cura**. Portal Geledés, 2020. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/em-isolamento-devotos-do-candomble-evocam-orixa-da-cura/>>. Acesso em: 29 mai. 2022.

MAGALHÃES, K. N. **Plantas medicinais da caatinga do Nordeste brasileiro: etnofarmacopeia do Professor Francisco José De Abreu Matos**. 2019. 220 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento e Inovação Tecnológica em Medicamentos) - Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

MELO, Aline. **RIQUEZAS DA CAATINGA: o potencial desconhecido de um dos biomas mais desprotegidos do Brasil**. 2020. Disponível em: <https://redecosciencia.shorthandstories.com/riquezas-da-caatinga/index.html#:~:text=A%20caatinga%20%C3%A9%20um%20bioma,n%C3%ADvel%20mais%20profundo%20do%20solo.> .Acesso em 15. nov. 2022.

MEMORIAL LUIZ GONZAGA, **Catolicismo popular**. Disponível em: <<http://www.recife.pe.gov.br/mlg/gui/Catolicismo.php>>. Acesso em: 20 abr. 2022

MENEZES, Sônia de Souza Mendonça; ALMEIDA, Maria Geralda de. **Vaquejada: a pega de boi na caatinga resiste no sertão sergipano**. Vivência, Natal, n. 34, p. 181-193, 2008.

MOTA, Clarice Santos; TRAD, Leny Alves Bomfim. **A gente vive pra Cuidar da População: Estratégias de Cuidado e Sentidos Para a Saúde, Doença e cura nos terreiros de Candomblé**. Saúde e Sociedade. São Paulo, v.20, n. 2, junho de 2011, p.325-337. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902011000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 Ago. 2022.

Do Descobrimento às Colonizações. **MULTIRIO**. Disponível: http://www.multirio.rj.gov.br/historia/modulo01/desc_colonizacoes.html

NERY, Vanda Cunha Albieri. **Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé.** In: VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2006, Uberlândia/MG. Anais. Uberlândia/MG: 2006. 15 p.

NUNES, Caroline. **Orixá não tem cor? Sincretismo religioso e o apagamento da negritude.** Terra, 2022. Disponível em: <
[O Toré dos indígenas do Nordeste. **Cantos da Floresta**, 2022. Disponível em: <
<https://www.cantosdafloresta.com.br/propostas-didaticas/o-tore-dos-indigenas-do-nordeste/> >. Acesso em: 29 mai. 2022.](https://www.terra.com.br/nos/orixa-nao-tem-cor-sincretismo-religioso-e-o-apagamento-da-negritude,1f84202834b3756ea0d0de7c0df57e3esk8va1a8.html#:~:text=A%20necessidade%20do%20sincretismo%20religioso,praticando%20seus%20costumes%20e%20cren%C3%A7as%22.> . Acesso em: 19 mai. 2022.</p>
</div>
<div data-bbox=)

OLIVEIRA, Elizabeth de Souza; LUCINI, Marizete. **O Pensamento Decolonial: Conceitos para Pensar uma Prática de Pesquisa de Resistência.** Boletim Historiar, v. 8, n. 01, 2021.

OLIVEIRA, Érica Caldas Silva et al. **Rezadeiras da Paraíba: etnografia de uma crença enraizada.** Revista Informação em Cultura, 2019.

OLIVEIRA, Fernanda Meira de. **Breve Histórico das práticas de cura das rezadeiras na América Portuguesa.** Encontro Estatual de História. 2018, p. 1-11.

OLIVEIRA, Mariana. **A fábrica dos sonhos no sertão da Bahia: da polpa da fruta à conservação da Caatinga.** WRI BRASIL. 2015. Disponível em:<
<https://www.wribrasil.org.br/noticias/fabrica-dos-sonhos-no-sertao-da-bahia-da-polpa-da-fruta-conservacao-da-caatinga>> . Acesso em: 20 jul. 2022.

OLIVEIRA, Valéria Maria Santana. **Natureza e História.** São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2009.

PARAHYBA, Roberto da Boa Viagem; LEITE, Aldo Pereira. **Solos do Município de Olho D'Água do Casado Estado de Alagoas.** Comunicado Técnico 45. Rio de Janeiro: Embrapa Solos, dez. de 2007.

PEREIRA, Amalle Catarina Ribeiro. **Vida de gado: vaqueiros entre a lida e a palavra em Serrita (PE).** 2021. 306 f., il. Tese (Doutorado em Antropologia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

PNUD- PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Fruto símbolo da Caatinga, Umu gera desenvolvimento econômico no Sertão do São Francisco.** Organização das Nações Unidas. 2019. Disponível em: <https://www.undp.org/pt/brazil/news/fruto-s%C3%ADmbolo-da-caatinga-umbu-gera-desenvolvimento-econ%C3%B4mico-no-sert%C3%A3o-do-s%C3%A3o-francisco>. Acesso em: 18 jun. 2022.

PRANDI, Reginaldo. **Sincretismo afro-brasileiro, politeísmo e questões afins**. In: Debates do NER, Porto Alegre, ano 12, n. 19, jan./jun. 2011, p. 11-28.

PORTO-GONÇALVES, C.W. Apresentação da edição em português. In: LANDER, E. (org.) **“A Colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas”**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 09-15.

Povos e Comunidades Tradicionais da Caatinga. **Instituto Sociedade, População e Natureza**, 2022. Disponível em: <
<https://ispn.org.br/biomas/caatinga/povos-e-comunidades-tradicionais-da-caatinga/>>. Acesso em: 29 mai. 2022.

PRACIANO, Aline Castro. **Uso de biodigestor como proposta de tecnologia social de convivência com o semiárido**. 2021. 90 f. Tese (Doutorado em Engenharia Agrícola) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021.

QUEIROZ, Leticia Barbosa de.; OLIVEIRA, Érica Caldas Silva de. **Resgatando identidades: registro etnográfico de vaqueiros sobre o tratamento de afecções**. Anais I CONIMAS e III CONIDIS... Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em:
<<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/63869>>. Acesso em: 05/04/2022.

RODRIGUES, Nathan. **Líder indígena explica interação com o mundo dos espíritos**. BOA VONDADE, 2019. Disponível em: <
<https://www.boavontade.com/pt/forum-mundial-espírito-e-ciencia/lider-indigena-explica-interacao-com-o-mundo-dos-espíritos>> . Acesso em: 29 mai. 2022.

ROMÃO, Tito Lívio Cruz. **Sincretismo Religioso como estratégia de sobrevivência transnacional e translacional: Divindades africanas e santos católicos em tradução**. Trabalhos em linguística aplicada, v. 57, p. 353-381, 2018.

SILVA, A. E. C.; SOUZA, J. R. G. **O mito e o rito na espiritualidade indígena: Uma visão a partir dos Potiguara e Tabajara da Paraíba**. Diversidade Religiosa, v. 7, p. 202-215, 2017.

SILVA, Marília Enike Mendonça da. **Sistema público de saúde de adultos e idosos indígenas: relato de experiência sobre o povo Kariri Xocó de Porto Real do Colégio – Estado de Alagoas, Brasil**. 2021. 39 f., il. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Enfermagem) — Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

SILVA, P. H.; OLIVEIRA, Y. R.; ABREU, M. C. **Entre símbolos, mistérios e a cura: plantas místicas dos quintais de uma comunidade rural piauiense**. Gaia Scientia, v. 12, n. 1, p. 1-16, 2018.

SILVA, Simone Rezende da; NASCIMENTO, Lisangela Kati do. **Negros e territórios quilombolas no Brasil**. Cadernos CEDEM, v. 3, n. 1, 2012, p. 23-37. Disponível

em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/cedem/article/view/2339>. Acesso em: 12 fev. 2022.

SOUZA, Ana Valéria de. **Plantas da Caatinga com potencial medicinal e cosmético**. 2013. Disponível em: <
<https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/972667/1/caatingaeseupotencialpag89100.pdf>> .Acesso em: 18 jun. 2022.

SOUZA, Maria Lindaci Gomes de; ARAÚJO, Patrícia Cristina de Aragão. **O lugar das mulheres nos saberes das tradições quilombolas: práticas de cura e reinvenção das tradições**. In: Congresso Nacional em Educação. Vol. 3. 2016.

VARES, Sidnei. **A literatura de folhetos nordestinos e a religiosidade popular**. Teoliterário, v. 7, n. 13, p. 110-124, 2017.

VIEIRA, J.L.G. **Povos do sertão de Alagoas: confinamento, diáspora e reterritorialização**. Revista: Fórum Identidades. Vol. 8/Ano 4 –Itabaiana: GEPIADDE, jul-dez de 2010. 19p.

APÊNDICES



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS SERTÃO
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

QUESTIONÁRIO DIRIGIDO ÀS BENZEDEIRAS/BENZEDORES

NOME:

IDADE:

- 1 - Com quem aprendeu o ofício da reza?
- 2 - Quando começou há rezar nas pessoas?
- 3 – Quais são as doenças que suas rezas curam?
- 4 - Quais são as rezas e ramos (plantas) utilizadas para cada tipo de doença?
- 5 - Existe um horário certo para rezar nas pessoas?
- 6 – Qual das rezas você utiliza mais no processo de cura das pessoas que te procuram?
- 7- Em sua opinião, por que as pessoas ainda procuram tanto as benzedadeiras/benedores, se existem os médicos (mudou ao longo do tempo)?
- 8- Já sofreu algum tipo de preconceito por ser benzedeira/benedor?
- 9- Seus filhos e netos aprenderam ou pretendem aprender suas rezas?



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS SERTÃO
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

QUESTIONÁRIO DIRIGIDO À POPULAÇÃO CASADENSE – PRÁTICA DO
 BENZIMENTO

NOME:

IDADE:

1-Em alguma fase da sua vida, teve a experiência de ser benzido?

() Sim. () Não.

2-Para a cura de quais doenças você procura as benzedeadas/ benzedores?

3-Existe ou já existiu alguma benzedeadas ou benzedor na sua família?

() Sim, meu avó/avô. () Sim, minha mãe/ pai.
 () Sim, minha tia/tio. () Não, nenhum membro da minha
 família. () Vizinho ou conhecido

4-Se você está inserida em um ambiente familiar que prática o benzimento, o que te impede, caso não pratique, de aprender a arte de benzer?

() Preconceito ainda existente. () Não possui vocação.
 () Não acredito dessa prática de cura.

5-Na sua opinião, qual é o motivo da presença dessa prática ainda existir até os dias atuais?

6-Com uma palavra, defina o que as benzedeadas/ benzedores representam para você e sua família?



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS SERTÃO
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

**QUESTIONÁRIO DIRIGIDO À POPULAÇÃO CASADENSE – PLANTAS
MEDICINAIS**

NOME:

IDADE:

- 1- Você utiliza plantas medicinais da Caatinga no tratamento de suas doenças? () Sim () Não
- 2- Se sim, quais as plantas?
-
- 3- Com qual a frequência: ()Casualmente ()Frequentemente
- 4- As plantas medicinais da Caatinga utilizadas por você, são destinadas para o tratamento de quais doenças?
-
- 5- Qual é a forma do seu preparo?
() Chás () Decocção () Infusão () Maceração
() Garrafadas () Compressas () Cataplasmas () Pomadas
- 6- Onde você encontra essas plantas medicinais?
() No quintal de casa, planto para uso próprio.
() Na zona rural da minha cidade.
- 7- Por influência de quem você começou a fazer o uso das Plantas Medicinais da Caatinga?
-